

TV na Escola e os Desafios de Hoje  
Curso de Extensão

Presidente da República Federativa do Brasil  
Fernando Henrique Cardoso

Ministro da Educação  
Paulo Renato Souza

Secretário de Educação a Distância  
Pedro Paulo Poppovic

Secretária Executiva do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação  
Mônica Messenberg Guimarães

CURSO DE EXTENSÃO TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE

Coordenação Nacional

Diretora do Departamento de Política de Educação a Distância/SEED  
Carmen Moreira de Castro Neves

Presidente do Comitê Gestor da UniRede e Decana de Extensão da UnB  
Dóris Santos de Faria

# TV na Escola e os Desafios de Hoje

## Curso de Extensão

### MÓDULO 2

Usos da televisão e do vídeo na escola

SEED/MEC e UniRede

Brasília, 2000

Os textos que compõem o presente curso não podem ser reproduzidos sem autorização dos editores  
© Copyright by – UniRede-Seed/MEC – Núcleo de Educação a Distância – NED/UnB  
Multiusos I Bloco B – Campus Universitário Darcy Ribeiro – Caixa Postal 04351 – CEP: 70919-970 Brasília-DF  
Telefones: (0XX61) 349-0996 – Fax: (0XX61) 273-4299 e 307-2048  
E-mail: ned@unb.br  
Na Internet: www.ned.unb.br e/ou www.mec.gov.br/tvescola e/ou www.unirede.br/cursoTVEscola

## Curso de Extensão “TV NA ESCOLA E OS DESAFIOS DE HOJE”

Comitê Gestor da UniRede  
Dóris Faria – UnB - Presidente  
Selma Leite – UFPA – Secretária Geral  
Angela Zanon – UFMS  
Elizabeth Rondelli - UFRJ  
Marcio Bunte – UFMG  
Ymiracy Polak - UFPR  
Jânio Costa - UEMS

Coordenação Geral SEED/MEC  
Aloylson Gregório de Toledo Pinto  
Tania Maria Maia Magalhães Castro

Coordenação Pedagógica  
Leda Maria Rangearo Fiorentini  
Faculdade de Educação - UnB

Coordenação dos Programas de Vídeo  
José Roberto Neffa Sadek - Diretor do Departamento de Produção - SEED /MEC  
Vânia Lúcia Quintão Carneiro - Faculdade de Educação - UnB

Equipe de Apoio Técnico - SEED/MEC  
Alan Luiz da Rocha Arraes  
Anke Cordeiro Moraes  
Erico Gonçalves da Silveira  
Jane Maria Fantinel  
Luiz Roberto Rodrigues Martins

Marilda Ferreira Cabral  
Simone Medeiros

Equipe de Apoio Técnico  
Realização dos Vídeos  
Centro de Produção Cultural Educativa – CPCE / UnB  
Paulo José da Cunha  
George Kuroki  
Ariosto Nogueira Lustosa  
Edison Montenegro Cabral De Vasconcelos  
Frank Lopes  
Giselda Caixeta

Gestão do Curso  
Núcleo de Educação a Distância da Universidade de Brasília – NED / UnB  
Flávio Castro  
Alicio Boaventura  
Núbia Gripp Vianna

Preparação de Originais e Revisão  
Rejane de Meneses e Yana Palankof  
Criação de Ícones  
Chico Régis  
Editoração Eletrônica  
Márcio Duarte Macedo  
Capa e ilustrações  
André Ricardo da Costa Alencar  
Impressão e fotolitagem  
Imprensa Oficial do Estado de São Paulo

T968

TV na escola e os desafios de hoje: Curso de Extensão para Professores do Ensino Fundamental e Médio da Rede Pública UniRede e Seed/MEC / Coordenação de Leda Maria Rangearo Fiorentini e Vânia Lúcia Quintão Carneiro. – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2000.  
3v. : il.

Conteúdo : v. 1 Tecnologias e educação : desafios e a TV escola. – v. 2 Usos da Televisão e do vídeo na escola. – v. 3 Experimentação : planejando, produzindo, analisando.

1. Material audiovisual na educação. 2. Aperfeiçoamento de professores. I. Fiorentini, Leda Maria Rangearo. II. Carneiro, Vânia Lúcia Quintão.

CDU 371.333  
371.14

## **Autores e colaboradores deste Módulo**

Antonio Fávero Sobrinho  
História

Carmenísia Jacobina Aires Gomes  
Gestão Escolar

Claisy Marinho  
Educação Infantil

Elza Passini  
Geografia

Lecy Maria de C. Augusto  
Artes

Lenise Aparecida Martins Garcia  
Parâmetros Curriculares Nacionais e Temas Transversais

Maria Helena Carneiro  
Ciências

Marlene Soares  
Educação Especial

Ruth Gonçalves de Faria Lopes  
Gestão Escolar

Stella Maris Carmona  
Artes

Vânia Lúcia Quintão Carneiro  
Televisão e vídeo na comunicação educativa: concepções e funções

Vera Franco de Carvalho  
Ensino Médio

## **Assessores Pedagógicos**

Aloylson Gregório de Toledo Pinto  
Anke Cordeiro Moraes  
Leda Maria Rangeloro Fiorentini  
Simone Medeiros



# SUMÁRIO

Apresentação .....	9
Orientações de estudo .....	11
Unidade 1- Televisão/vídeo na comunicação educativa: concepções e funções .....	19
1.1. A televisão que temos .....	21
1.2. O espaço educativo na recepção de TV .....	28
1.3. O espaço educativo na produção de TV .....	43
1.4. A integração de TV/vídeo às atividades curriculares .....	57
Unidade 2. Possibilidades pedagógicas de utilização de TV/vídeo nas atividades curriculares .....	75
2.1. TV/vídeo nos Parâmetros Curriculares Nacionais .....	76
2.2. TV/vídeo nos Temas Transversais .....	83
2.3. TV/vídeo no Ensino Médio .....	93
2.4. TV/vídeo no ensino de Ciências .....	111
2.5. TV/vídeo no ensino de História .....	114
2.6. TV/vídeo no ensino de Geografia .....	117
2.7. TV/vídeo no ensino de Artes .....	128
2.8. TV/vídeo na Educação Especial .....	134
2.9. TV/vídeo na Educação Infantil .....	141

Unidade 3 – TV/vídeo na gestão escolar, construção de parcerias; operacionalização de equipamentos e criação de espaços para gravar e arquivar programas .....	147
3.1. TV/vídeo na gestão escolar .....	148
3.2. Operacionalização de equipamentos .....	159
3.3. Criação de espaços para gravar e arquivar programas ..	168
Glossário .....	177
Comentários referentes às atividades .....	181

## Apresentação

Com este Módulo 2: Usos da televisão e do vídeo na escola, a Secretaria de Educação a Distância-Seed/MEC e a Universidade Virtual Pública do Brasil-UniRede dão continuidade ao Curso de Extensão TV na Escola e os Desafios de Hoje, que vem sendo ofertado para mais de 34.000 professores da rede pública de ensino básico (fundamental e médio) de todo o país.

O Módulo 2 é constituído por este material impresso e por vídeos produzidos para as suas unidades bem como por vídeos que foram escolhidos para exemplificar possibilidades de utilização pedagógica da TV/ vídeo nas atividades curriculares e na gestão escolar, integrantes do acervo da TV Escola. Os vídeos serão veiculados pela TV Escola, de acordo com a grade de programação que segue em anexo, para que possa organizar-se para assistir aos programas, gravar os vídeos e estudá-los segundo a orientação que inicia este Módulo.

Para realizar as atividades previstas você contará com o apoio da universidade na qual está matriculado por meio de um sistema de plantão de orientação acadêmica(tutoria), que poderá acessar por telefone, fax, correio e ou correio eletrônico.

Dele também fazem parte algumas fichas de avaliação do material impresso e dos vídeos, que você enviará ao seu tutor quando completar as atividades, contribuindo assim para o aperfeiçoamento do Módulo, tendo em vista ofertas futuras do curso.

Desejamos sucesso no estudo e na sua prática pedagógica.

A Coordenação do Curso



## Orientações de Estudo

Você está iniciando o Módulo 2 do Curso TV na Escola e os Desafios de Hoje.

Este módulo é desenvolvido por meio deste texto impresso e de vídeos. Lembre-se de que os vídeos serão veiculados às quintas-feiras às 21 horas e reprisados às sextas-feiras no mesmo horário e aos sábados às 9 horas, pela TV Escola. Você poderá assistir aos programas nesses horários ou gravá-los. Caso deixe de assistir a algum programa por alguma razão, lembre-se de que a cada semana reprisamos o conjunto dos vídeos correspondentes às unidades de conteúdo deste módulo.

Procure ter sempre à mão o Guia do Curso, este módulo, bem como livros, enciclopédias, revistas educacionais e as publicações da TV Escola.

### Como estudar

Depois de ter lido com cuidado o Guia do Curso, faça o planejamento de seus estudos, que sugerimos sejam diários. Assim, você se organiza melhor e consegue manter um ritmo de aprofundamento, sem acumular atividades ou dificuldades.

Para que possa estudar com tranquilidade, é importante que você reserve, desde já, um horário para estudar, em torno de noventa minutos a duas horas diárias, inclusive aos sábados. Assim, terá tempo suficiente para realizar com calma as leituras, aprofundar sua reflexão sobre os temas propostos e realizar as atividades do curso.

Veja a sugestão do quadro de Horário Semanal de Estudos no Guia do Curso, para que possa distribuir as atividades durante o tempo que dispõe para realizar os estudos referentes a este Módulo 2.

Como você já sabe, este módulo possui objetivos a alcançar por meio dos estudos e das atividades propostas em cada uma das suas unidades. Algumas dessas atividades foram organizadas para que você aprenda e outras para avaliar seu desempenho. Ao longo do texto você encontrará as orientações necessárias para realizá-las. Como já havíamos orientado no primeiro módulo do curso, responda por escrito todas as atividades mesmo que não seja preciso enviá-las ao tutor. Escrever é uma das melhores formas de desenvolver sua capacidade de pensar as questões que trabalhamos neste curso.

Se você dispõe de computador conectado à Internet, na escola ou em sua casa, poderá navegar pelos sites indicados no Guia do Curso, procurando ler suas publicações, participar da lista de discussão ou fórum que venham a ser criados pela universidade em que está matriculado, para discussões e trocas de experiência entre os alunos e tutores (atividade optativa).

Inicie pela introdução geral do Módulo 2, conheça seus objetivos geral e específicos e suas unidades. Depois, com calma, prossiga a leitura, procurando compreender o que está estudando em cada unidade. Sublinhe palavras que não conhece e procure seu significado no glossário ou em outras fontes. Tenha ao lado um dicionário. Procure todas as palavras que não conhece: um curso é uma oportunidade excelente de ampliar seu vocabulário. Realize todas as atividades solicitadas. Faça resumos sempre que sentir que precisa organizar a informação estudada. Procure ver os vídeos à medida em que estuda cada unidade, pois isso facilitará sua compreensão e aprendizagem.

No caso de alguma dificuldade, releia o texto e reveja o vídeo. Se a dúvida persistir, lembre-se que poderá consultar os tutores, usando as formas de comunicação indicadas na correspondência da universidade em que está matriculado.

Use a margem do texto do módulo para ir anotando suas idéias e observações. De tempos em tempos revise as idéias que surgiram, as dúvidas, o que experimentou em suas aulas, avanços, dúvidas, solu-

ções encontradas, e vá escrevendo seu Memorial. Na ocasião definida no Calendário Acadêmico do Curso, envie as atividades de avaliação para os tutores acompanhadas do Memorial.

Será ótimo se puder estudar em grupo com outros colegas de sua ou de outras escolas que também estejam matriculados, discutindo os assuntos e realizando as atividades propostas, trocando idéias e informações, compartilhando soluções, superando impasses e construindo sua aprendizagem.

Procure aplicar em sala de aula, com seus alunos, as técnicas estudadas no vídeo e no material impresso.

### Como estudar com os vídeos

Este módulo está organizado para ajudar educadores a usar televisão e vídeo na escola. Inicia-se com a abordagem de concepções e funções da TV e do vídeo na comunicação educativa, para ancorar propostas e práticas de integração.

Ao iniciar o estudo da Unidade 1 você deve partir - sem preconceitos - do modo cotidiano de utilizar a mídia, porque se deseja analisar crítica e criativamente os programas, propor sua integração às atividades curriculares.

A leitura do texto é fundamental para instrumentalizar a análise, conhecer possibilidades de mediação pedagógica na produção e na recepção de programas televisivos e refletir sobre as responsabilidades de educadores e emissoras. Tenha sempre à mão seu caderno de anotações, para ir registrando suas impressões, idéias, problemas. Além de facilitar o estudo, isso poderá ajudá-lo(a) a aperfeiçoar sua prática pedagógica. Utilize a Ficha de Avaliação para estudar os vídeos, fazendo cópias para que possa anotar detalhes e estudar detidamente cada vídeo. Consulte sempre a Grade de Programação que acompanha este módulo, pois nela encontrará informações sobre as datas e horários em que os vídeos utilizados no Módulo 2 serão veiculados pela TV Escola.

Recomendamos que você se organize para ver TV e vídeos, conhecer o que está sendo ofertado ao professor, ao público infanto—juvenil, ao público adulto. Procure perceber como eles recebem as mensagens. Converse com estudantes, familiares. Consulte, jornais, revistas, livros. Compartilhe experiências, programas de TV, vídeos e projetos com colegas.

Se você dispõe de um videocassete, organize-se para gravar os programas que julga importantes, que quer conhecer. Antes de ver um programa de TV, deixe uma fita preparada para gravá-lo. Sempre que algo lhe chamar a atenção, poderá acionar a tecla de gravação, pois isso lhe permitirá revê-lo depois. Se for utilizar o kit tecnológico da escola, reserve os horários e certifique-se de que tudo está funcionando bem para evitar problemas de última hora. Combine com seus colegas para verem os programas juntos.

Não se esqueça de programar o vídeo para gravar os programas que selecionar e os vídeos do curso, que serão reprisados semanalmente de forma cumulativa. Consulte desde já o manual do videocassete, um familiar, uma pessoa que possa ajudá-lo, para automatizar procedimentos e começar a gravar os programas. Vença o constrangimento ou a timidez de apertar botões. É importante que domine os comandos do videocassete para que possa servir-se deles na hora de analisar vídeos e programas. E aproveite os recursos disponíveis buscando recriá-los, registrar experiências, criar mensagens. Quando for ver o vídeo/ programa já gravado, vá experimentando os recursos técnicos que o aparelho de videocassete lhe oferece, para que possa voltar a fita, parar, conferir detalhes, ver apenas uma parte, ver o que está gravado adiante, adiantar ou rever o que passou despercebido,

Se dispuser de um computador conectado à internet, em casa ou na escola, navegue pelos sites das TVs educativas, pois assim poderá conhecer mais e melhor as programações da televisão. Alguns programas têm seus próprios sites. Neles há partes destinadas ao professor. Outros sites discutem a mídia.

A televisão pode ser muito melhor do que é. Procure interagir, compartilhar informações, vídeos, práticas pois essa é a melhor maneira dos educadores trazerem a televisão e o vídeo para dentro da sala de aula.

## Como elaborar o Memorial ? <sup>1</sup>

Lembre-se que o Memorial é um documento que você elabora passo a passo, onde devem estar presentes os acertos, as vitórias, os avanços mas também as falhas, os momentos difíceis, as paradas, as dúvidas. É uma espécie de “diário” no qual você vai escrevendo e contando o que está sentindo, refletindo, vivenciando.

- É o local em que você vai registrar suas reflexões sobre os vários momentos do curso e sua relação com a prática pedagógica.
- É o relato das adaptações e modificações que você pode ir fazendo na maneira de trabalhar na sala de aula, usando as tecnologias.
- É o local em que você vai anotando emoções, descobertas, sucessos e insucessos de sua trajetória pedagógica com as tecnologias.
- É o registro da história de sua aprendizagem durante o curso e de suas conseqüências no seu cotidiano.

Na elaboração do Memorial podem surgir dúvidas porque, nele, você também expressa sua subjetividade, em uma estrutura flexível e aberta. Isso situa você permanentemente diante do novo e do inesperado. É provável que alguns se sintam inseguros e desestimulados para escrever, enquanto outros talvez se sintam desafiados a produzir o memorial. Em qualquer caso, note que o memorial não é algo pronto e acabado, com roteiro rígido e previamente definido, mas o registro de um conjunto de observações e comentários, cuja construção espelha e acompanha o seu processo de aprender.

Não esqueça de incluir no Memorial:

- as atividades marcadas com os ícones
- as experiências pedagógicas e mudanças na prática de sala de aula que tenham relação com o curso;
- as reações dos alunos a essas experiências e mudanças;
- as relações do curso com a sua experiência anterior;
- as trocas de experiência entre você e outros colegas de curso;
- outras idéias que você considerar importantes.



<sup>1</sup> A concepção do Memorial deste curso foi adaptada do Manual do Tutor do PROFORMAÇÃO. Brasília: Seed/MEC, 2000.

O Memorial também tem a função de promover e praticar a auto-avaliação. Nesse caso, você pode registrar nele:

- ▣ como está o seu desempenho;
- ▣ que fatos demonstram mudanças na sua prática pedagógica;
- ▣ como você está aproveitando as atividades de aprendizagem e de avaliação;
- ▣ o que você está fazendo para superar suas dificuldades;
- ▣ que transformações ocorreram nas suas relações com os alunos.

O Memorial é um processo que só termina no final do curso por ser uma construção contínua. E é simples de fazer, se for encarado com tranquilidade.

### Comentários referentes às atividades propostas

No final deste módulo, você encontra comentários referentes às atividades propostas. Esses comentários apresentam uma possibilidade de resposta, não um padrão, ou observação conforme a natureza da atividade, cuja intenção é ajudá-lo(a) a avaliar-se.

Como regra, as atividades que serão propostas a você deixam-no livre para responder como lhe pareça conveniente, usando este módulo, outras fontes e sua própria experiência. Atividades assim caracterizadas supõem respostas abertas, isto é, cuja expressão é peculiar a quem responde. Não podem ser apreciadas com um certo ou errado. Mas essas atividades têm uma estrutura de resposta previamente delimitada pela pergunta, conjunto de interrogações ou afirmação que lhes deram origem.

Considere, portanto, a resposta que lhe oferecemos ao final do Módulo como uma referência para comparação. De modo algum ela esgota a possibilidade de responder. Pelo contrário, é a comparação, feita por você, que lhe permitirá identificar os pontos de aproximação, divergências possíveis e aspectos por você acrescentados, que podem ser tão válidos quanto os que lhe apresentamos. Você terá de fazer seu julgamento, como faz na vida, e estimar a qualidade com que você se aproxima dos componentes estruturais das respostas. Você estará tão bem orientado quanto melhor for a sua apreciação.

Consideramos que o estudo em grupo, previsto em algumas das atividades deste Módulo, pode oferecer-lhe excelente oportunidade para discutir temas, trocar experiências, esclarecer dúvidas e solucionar dificuldades. E o indicamos sempre que a aprendizagem colaborativa com seus colegas possa ser mais interessante e útil. Entretanto, nunca poderá substituir seu próprio processo de elaboração e sistematização das idéias e experiências.

Lembre-se que todas as atividades a serem enviadas ao(à) tutor(a) precisam ser elaboradas/redigidas por você mesmo(a), da mesma maneira que o Memorial, como parte de sua aprendizagem, original e única.

### Ícones para orientação de estudo

Neste Módulo você encontrará alguns ícones utilizados para facilitar a comunicação com você:



Veja TV/Vídeo



Consulte o glossário



Estude em grupo



Elabore o memorial



Envie para o tutor



# Unidade 1

## Televisão/vídeo na comunicação educativa: concepções e funções

Vânia Lúcia Quintão Carneiro<sup>1</sup>

### Introdução



Volta e meia, a TV está num banco de réus. Acusam-na de culpada de muitos males que afligem a sociedade, de crimes violentos ao desinteresse pela leitura. Como punição, já propuseram desligá-la, tirá-la do ar, censurá-la.

Do ponto de vista de um processo de ensino e aprendizagem – entendido como comunicação, diálogo, interação, construção de conhecimentos – chegou o momento de encerrar o julgamento e assumir que há uma cultura televisual proporcionando aos jovens informações, valores, saberes. É preciso conhecê-la, analisá-la criticamente e responsabilizar-se por estabelecer situações de comunicação entre gerações e entre culturas.

A educação deve abrir-se para o mundo da televisão, tomá-la como objeto de estudo, conhecê-la, analisá-la e incorporá-la ao contexto pedagógico. Deve-se estudar a relação educação e televisão de três perspectivas

---

<sup>1</sup> Professora doutora da Faculdade de Educação – Universidade de Brasília. Área: Tecnologias na educação. Linha de pesquisa: TV/vídeo e mediações pedagógicas.

diferentes e complementares: educação para uso seletivo da TV; educação com a TV; e educação pela TV.

Ao se abordar a educação para o consumo seletivo e crítico da TV, o objetivo é desenvolver a competência dos alunos para analisar, fazer leitura crítica e criativa de programas de televisão a partir do conhecimento das linguagens, das condições de produção e de recepção. Na educação com a televisão utilizam-se programas (ou trechos de programas) como estratégia pedagógica para motivar aprendizados, suscitar interesses, problematizar conteúdos, informar. Educar pela televisão significa comprometer emissoras com a formação de jovens, com a oferta de mais e melhores programas para o público infanto-juvenil.

Na convergência entre TV e educação, a concepção de educativo amplia-se, abre-se às dimensões do imaginário, às pluralidades do afetivo e ao desafio de preparar jovens para o enfrentamento cotidiano com o mundo.

### Objetivos específicos

- Analisar criticamente a televisão que temos.
- Distinguir suas funções e programações.
- Identificar as funções da televisão no processo de ensino-aprendizagem.
- Mapear os espaços de aprendizagem na produção e na recepção.
- Avaliar a responsabilidade de educadores, pais, emissoras e Estado pela programação usual da televisão.
- Desenvolver o consumo seletivo dos programas de televisão.
- Desenvolver estratégias pedagógicas para incluir a televisão em atividades curriculares.
- Avaliar a proposição de usos e tratamentos pedagógicos de programas de TV/vídeo do acervo da TV Escola.

#### Conteúdo

- 1.1. A televisão que temos
- 1.2. Espaço educativo na recepção da TV
- 1.3. Espaço educativo na produção da TV
- 1.4. Integração de TV/vídeo às atividades curriculares

## 1.1. A televisão que temos



### 1.1.1. O que a televisão é para você

Antes de ligar a TV, você seleciona o que vai ver? (Assim como escolhe filmes, CD, revistas, livros?)

Ou liga a televisão e vê o que já está acostumado a ver?

Ou muda de canal e pára no que lhe atrai mais a atenção?

Você consulta a programação das emissoras em jornais, revistas, encartes, Internet?

A que programa você mais gosta de assistir na TV? E seus alunos?

Você conversa com seus alunos sobre os programas que você e eles vêem?

### 1.1.2. O que a televisão oferece

Leia um exemplo da programação de emissoras abertas de TV que foi publicada no Jornal Correio Braziliense no dia 4/11/2000.

Observe:

**Brasília**  
CANAL 5  
343-1010

07:30 - Clio  
09:00 - Escola Básica  
09:30 - Clio  
11:00 - TV Mídia  
12:00 - Radical  
13:00 - Brasília Notícias  
13:30 - TV Esporte  
13:45 - Jornal RTV  
14:00 - TV Mágica  
16:00 - TV Mágica Especial  
18:00 - Investigação Especial  
19:00 - Super Pop  
20:30 - Ponto de Encontro  
20:58 - Momento Imobiliário  
21:00 - Jornal da TV  
21:45 - Mais que Emergente  
22:15 - TV Terror  
00:00 - TeVi na TV

**Record**  
CANAL 8  
311-8067

05:00 - Programa Educativo  
05:20 - O Despertar da Fé  
07:00 - Ponto de Fé  
08:00 - Em Busca do Amor  
09:00 - Gospel Line  
10:00 - Conexão Sebrae  
12:00 - São Paulo Notícias  
12:30 - Raul Gil  
16:00 - Cidade Alegria  
19:30 - Jornal da Record  
20:15 - Marcos da Paixão  
21:00 - Escolinha do Barulho  
22:00 - Futurama  
22:30 - Desenho  
22:45 - Campos de Audiência —  
**Caçada Sem Tréguas**  
00:30 - Em Que Posso lhe Ajudar  
03:00 - Retorno de Fé  
03:30 - Falando de Fé

**Nacional**  
CANAL 2  
327-4140

07:45 - Telecurso 2000 (1º Grau)  
09:00 - Globo Ciência  
09:30 - Globo Ecologia  
10:00 - Conexão Sebrae  
10:15 - Redescobrimos o Brasil  
10:30 - Canal Saúde  
11:30 - Campus  
12:00 - Rede Brasil  
12:30 - Gema Carioca  
13:00 - Brasília Total  
13:30 - Jornal da NBR  
14:00 - Viagens  
15:00 - Alto Falante  
16:00 - Maravilhas Naturais da Europa  
17:00 - Bahia Singular e Plural  
17:30 - Espaço Senac  
18:00 - Fórum de Pés  
19:00 - Multishow em Revista  
20:00 - Revista do Cinema Brasileiro  
20:30 - Oitar Brasileiro  
21:30 - Indústria Cultural  
22:00 - Processo Time  
23:00 - Diário de Teatro  
00:00 - Curta Brasil  
01:00 - Hino Nacional Brasileiro

**Globo**  
CANAL 10  
316-9330

05:05 - Programa Eclesiástico  
05:10 - Telecurso 2000  
06:25 - Globo Educação  
06:45 - Globo Ciência  
07:15 - Globo Ecologia  
07:35 - Ação  
08:00 - Bambulê  
08:35 - Xuxa Park  
12:00 - DFTV - 1ª Edição  
12:30 - Globo Esporte  
13:20 - Jornal Hoje  
13:45 - Vídeo Show  
14:35 - Calderão do Huck  
15:45 - Futebol 2000 — **Bahia x Bocafeijo**  
18:00 - O Cristo e a Rosa  
18:50 - DFTV - 2ª Edição  
19:05 - Uga-Uga!  
20:15 - Jornal Nacional  
20:55 - Laços de Família — **O Batefalso**  
21:50 - Brasília Total  
22:35 - TV 50 Anos  
23:35 - Altas Horas  
01:45 - Casos de Fala — **O Batefalso**  
03:50 - Nikita  
04:35 - Heróis Por Acaso

**Band**  
CANAL 4  
321-8838

06:00 - Programa Educativo  
06:30 - Igreja da Graça  
08:00 - Disse Jesus  
09:00 - Um Novo Dia  
09:30 - Vitória em Cristo  
10:15 - Rua do Asfomóvel  
11:15 - Making of Brasília  
11:55 - Vamos Falar com Deus  
13:00 - Infância Especial Sebrae  
12:15 - Esporte Total  
12:30 - Mundo dos Esportes  
13:00 - Sessão Especial —  
**Carnuagens de Fogo**  
15:30 - Sessão Especial — **Zéla**  
18:00 - Um Toque de Anjo  
19:00 - Agitando com Júlio Jardim  
19:30 - Jornal da Band  
20:00 - Cinema Especial — **Perigo na Torre**  
22:00 - Sessão Discovery Channel  
23:00 - Documentário  
00:00 - Cine Sinistro: **Halloween A Maldição Está de Volta**  
02:00 - Cine Privé — **Erromawalla**

**SBT**  
CANAL 13  
322-7966

06:18 - Abertura  
06:20 - Educativo  
06:40 - Barney e Seus Amigos  
07:00 - Sábado Animado  
12:50 - Os Simpsons  
13:30 - Chaves  
14:10 - Festival de Filmes 1 —  
**SpaceCamp — A Aventura no Espaço**  
16:00 - Festival de Filmes 2 —  
**Mamãe Quer que Eu Case**  
18:00 - O Homem Elétrico  
18:55 - O Jovem Hércules  
19:25 - Chiquititas  
20:10 - Bernalde  
21:00 - O Show do Ratinho  
22:10 - A Praça é Nossa  
23:35 - Sábado  
01:00 - Indy Lights — GP da Califórnia  
01:30 - SBT Notícias

### Atividade 1

1. A quais desses programas de TV você assiste?
2. A quais deles seus alunos assistem?
3. Como você avalia os programas a que seus alunos mais assistem?
4. Como avalia os programas de maior audiência em sua casa?
5. Há opções mais interessantes para escolher?
6. Que programas você indica para crianças e adolescentes?
7. Há programas que você desconhece? Quais?
8. Há programas que você deseja discutir, analisar? Quais?



Veja na Revista da TV Escola



**ÉTICA**

**O FIM DA TELEVISÃO**

**eF** Série selecionada, na Grade da programação, para o ensino fundamental

**Transmissão:** 20 de novembro  
**Realização:** Canadian Broadcasting Corp. Canadá, 1995  
**Direção:** Jean Menard  
**Duração:** 47'30"  
Colorido  
**Áreas conexas:** História, Geografia, Trabalho e Consumo, Língua Portuguesa  
Indicado para atividades com alunos a partir do 3º ciclo do ensino fundamental.

**RESUMO**

**U**ma história da televisão, sua evolução tecnológica e diferentes formatos, como a TV interativa ou a TV conectada ao computador. É o fim da televisão?

FIM DA TELEVISÃO (?)

Revista TV Escola, nº 21, out./nov. 2000, p. 15.

### 1.1.3. A televisão precisa de algum tipo de controle social

#### CONCESSÃO PÚBLICA

Licença para explorar canais de transmissão, que são propriedade pública.

Desde 1967, as emissoras brasileiras ficaram obrigadas a exibir programas educativos como contrapartida à concessão pública.

Em 1970, especificou-se o tempo obrigatório semanal de exibição de programação educativa para 5 horas (30min de segunda-feira a sexta-feira + 75min aos sábados e domingos. Portaria 408 – 29 jul.

A televisão aberta ou a segmentada (através de cabo ou satélite), a educativa pública ou a educativa privada são concessões públicas. Logo, a finalidade maior de todas as emissoras de televisão é atender aos interesses dos cidadãos.

Segundo a Constituição Brasileira (art. 221), 1988, o atendimento “preferencial às finalidades educativas, culturais e informativas” deve ser o primeiro princípio a orientar a produção e a programação de emissoras de televisão, dado o caráter da concessão pública.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (art. 76) prevê: “Emissoras de rádio e televisão somente exibirão no horário recomendado para o público infanto-juvenil programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas”.

Numa democracia repudia-se a censura, sim; mas das emissoras espera-se que ofereçam instrumentos próprios aos seus públicos, para que estes possam fiscalizá-las e controlar a qualidade dos produtos culturais que recebem. A mídia livre e independente protege cidadãos contra governos arbitrários e corruptos. Entretanto, os cidadãos são favoráveis “à criação de alguma forma de controle para a própria mídia, que muitas vezes desvirtua a realidade, desrespeita a intimidade das pessoas e defende interesses grupais nem sempre coincidentes com os da coletividade”.<sup>2</sup>

A partir dessa citação do professor Bertrand, autor francês de estudos sobre liberdade de expressão e fórmulas de auto-regulamentação da mídia, o melhor caminho é as emissoras se auto-regularem, estabelecerem suas próprias regras e um código de ética que se comprometam a cumprir ante a sociedade e o Estado.

O Ministério da Justiça, desde 1998, solicita de cada emissora de televisão a auto-regulamentação. Sem ser atendido, criou a Portaria 796, de 11 de setembro de 2000, que exige das emissoras uma classificação dos programas e as indicações de horário: “Nenhum programa de televisão será apresentado sem aviso de sua classificação, exposto de maneira visível, antes e durante a transmissão”.<sup>3</sup>

O objetivo é estabelecer regras para a exibição de programas com violência e sexo. Por essa Portaria, só após as 22h há permissão para serem exibidos programas desaconselháveis para menores de 16 anos. Nenhum deles pode ir ao ar sem aviso sobre sua classificação, que depende da dosagem de violência e de sexo de cada produto. No art. 5º dessa Portaria consta: “A classificação informará a natureza das diversões e espetáculos públicos, considerando-se, para restrições de horários e faixa etária, cenas de violência ou de prática de atos sexuais e desvirtuamento dos valores éticos e morais”. Em seu parágrafo único: “Programas de indução de sexo, tais como ‘telessexo’ e outros afins, somente poderão ser veiculados entre zero hora e cinco horas”. A classificação é indicativa. No caso do descumprimento, as punições estão previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente.

Em 1991, no Brasil, a obrigatoriedade das TVs exibirem programas educativos foi reduzida a dois programas de 20min (sábados e domingos).

Em 1991 (EUA), as emissoras de TV comercial (a cabo, inclusive) foram obrigadas por lei a veicular programas educativos infantis para obter renovação da concessão. Em 1997 (EUA), estabeleceu-se quota obrigatória de 3 horas semanais (entre 7h e 22h) para programas infanto-juvenis educativos e informativos, o que resultou na oferta de mais e melhores programas para esse público.

Em 2000, discute-se no Congresso Brasileiro o projeto de Lei de Comunicação Eletrônica de Massa, que disciplinará a televisão e toda a mídia eletrônica no país.

<sup>2</sup> BERTRAND, Claude-Jean. A deontologia das mídias. Bauru: Edusc, 1999.

<sup>3</sup> Art. 10, parágrafo único.



#### Atividade 4

1. Como você encara essa medida? Ela contribui para os pais orientarem seus filhos na seleção de programas a assistir ou não?
2. Como você classifica os programas de maior audiência na televisão?
3. A televisão atende aos interesses dos cidadãos? A que interesses a televisão deveria atender?
4. Inclua sua reflexão no Memorial e envie para o tutor.

### Funções que a televisão deve desempenhar

Para julgar se a televisão está atendendo aos interesses dos cidadãos, Bertrand<sup>4</sup> considera necessário que se conheçam os serviços que a televisão deve prestar. Apresenta seis categorias ou funções das mídias, definindo-as assim:

- Observar o entorno  
Informar-se sobre os acontecimentos, tratar a informação, analisá-la, fazê-la circular. Ficar alerta ao que ocorre nos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário.
- Assegurar a comunicação social  
Ser fórum de debates, formar grupos; de grupos, conjuntos; de conjuntos, nação.
- Fornecer uma imagem do mundo  
O conhecimento provém de experiências pessoais, escolares e sobretudo da mídia. Para muitos, o que não aparece na mídia não existe.
- Transmitir cultura (de geração a geração)  
Visões de passado, presente e futuro do mundo, amálgama de tradições e valores que dão ao indivíduo identidade étnica, orientações quanto a fazer e pensar. Na socialização incluem-se instituições religiosas e família, mas é da escola o papel mais importante, embora os meios de comunicação atinjam o indivíduo durante a vida.
- Contribuir para a felicidade: divertir  
As mídias oferecem o entretenimento indispensável para diminuir tensões. O consumidor solicita divertimento. Essa função combina-se com todas as outras.

<sup>4</sup> BERTRAND, p. 36-38.

## ▣ Fazer-comprar

Meios de comunicação são veículos da publicidade, que tenciona seduzir um público para vendê-lo a anunciantes. Criam contexto favorável à publicidade.

### Atividade 5

1. Como você avalia o seu programa preferido?
2. De que programas você recebe informação?
3. Com que programas você se diverte?
4. Existem programas que divertem e informam?
5. Como garantir mais e melhores opções?
6. Podemos ter um papel nisso?
7. Inclua esta atividade no Memorial e envie para seu tutor.



Arlindo Machado afirma:

“Na minha opinião, a televisão é e será aquilo que nós fizermos dela. Nem ela, nem qualquer outro meio, estão predestinados a ser qualquer coisa fixa. Ao decidir o que vamos ver ou fazer na televisão, ao eleger as experiências que vão merecer a nossa atenção e o nosso esforço de interpretação; ao discutir, apoiar ou rejeitar determinadas políticas de comunicação, estamos, na verdade, contribuindo para a construção de um conceito e uma prática de televisão. O que esse meio é ou deixa de ser não é, portanto, uma questão indiferente às nossas atitudes com relação a ele. Nesse sentido, muitos discursos sobre a televisão às vezes me parecem um tanto estacionários ou conformistas, pois negligenciam o potencial transformador que está implicado nas posturas que nós assumimos com relação a ela; e “nós”, aqui, abrange todos os envolvidos no processo: produtores, consumidores, críticos, formadores, etc.”<sup>5</sup>

### Atividade 6

1. Qual a sua opinião sobre esse texto de Arlindo Machado? Sente-se incluído nesse “nós”?
2. Produtores, dirigentes de emissoras, famílias, escolas e governos precisam repensar suas responsabilidades na relação jovens x TV?
3. A quem cabe a responsabilidade na formação de jovens mais críticos, seletivos, capazes de programar seu uso da TV?
4. Analisar criticamente uma mensagem significa estar contra a mensagem?

<sup>5</sup> MACHADO, A. A televisão levada a sério. São Paulo: Senac, 2000, p. 12.

## 1.2. Espaço educativo na recepção da TV



Perceba Santa Clara (letra e música de Caetano Veloso):

“Santa Clara, padroeira da televisão  
Que o menino de olho esperto saiba ver tudo  
Entender certo o sinal certo se perto do encoberto  
Falar certo desse perto e do distante porto aberto  
Mas calar  
Saber lançar-se num claro instante.  
Santa Clara, padroeira da televisão  
Que a televisão não seja o inferno, interno ermo,  
Um ver no excesso o eterno quase nada (quase nada)  
Que a televisão não seja sempre vista  
Como a montra condenada, a fenestra sinistra  
Mas tomada pelo que ela é de poesia.”

Refleta acerca do que essa letra diz.

Durante uma época, estudos enfatizaram os efeitos da televisão nos receptores, pessoas que recebem as mensagens. Acreditava-se serem os receptores reféns da manipulação ideológica. Tudo o que o emissor pretendia inculcar era possível. Essa concepção mecânica de comunicação coincidia com a idéia de conceber educação como ato de transferência de informação de um professor ativo para alunos passivos.

Hoje não se negam os efeitos da TV, mas já se sabe que a intenção do emissor em sua mensagem pode não realizar-se. Receptor é sujeito ativo e pertence a um contexto sociocultural específico. Interpreta a mensagem, dá-lhe significado de acordo com sua visão de mundo, experiências, valores, com a cultura de seu grupo. Cotidianamente se entrecruzam influências de família, vizinhança, amigos, trabalho, escola, das mídias (principalmente TV) e ocorrem a recepção e a decodificação das mensagens. A recepção não se limita ao momento diante da tela. O processo antecede o ato de ligar a TV e não se conclui ao desligá-la. Prolonga-se pelos espaços da vida diária e nas formas de comunicação habituais. Estende-se a conversas com amigos, familiares, a comentários na mídia e na escola.

No instante em que os pais assistem à TV com os filhos, troca de olhares e de impressões auxiliam os filhos a construir significados, a reelaborar a mensagem. Pesquisa sobre Vila Sésamo aponta que crianças que assistiram aos programas em companhia de adultos participativos apreenderam mais.<sup>6</sup>

Como os pais podem contribuir para que os filhos desenvolvam a capacidade de analisar, criticar e selecionar programas de televisão?

Interagir com os filhos quando juntos forem receptores?

O que fazer quando não têm tempo?

E quando não se sentirem à vontade ou preparados?

Pesquisas recentes indicam que crianças ficam mais tempo diante da TV que em sala de aula e são informadas por ela sobre assuntos a que antes tinham acesso apenas por meio de familiares e professores. Buscam na TV diversão e respostas a questões que as preocupam e encontram respostas a perguntas que nem tão cedo fariam. A relação

<sup>6</sup> GREENFIELD, P. M. O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica. São Paulo: Summus, 1988, p. 63.

dos jovens com a televisão e com outras mídias aumentou a complexidade da socialização.<sup>7</sup>

As mães trabalham fora. Vive-se nova situação. A maioria das famílias julga-se despreparada para enfrentá-la. “De maneira vaga, os pais de hoje captam o que está acontecendo, mas a maioria não compreende sua profundidade, limitando-se a expressar estupor porque as crianças ‘sabem demais’ e vivem coisas ‘que não são para sua idade’.”<sup>8</sup>

Que se pode esperar da escola?  
Qual o papel do educador?

Professores podem ajudar crianças e adolescentes a estabelecer critérios, a formar juízos, a elaborar opiniões menos espontâneas e a reconhecer programações de qualidade. “A predisposição a acreditar nas mensagens dos meios depende dos critérios que o receptor tiver formado em si, não propriamente em relação a conteúdos, mas em relação aos meios e à sua capacidade de analisá-los. Isso somado à dificuldade de uma opinião elaborada e formada sobre os conteúdos oferecidos conduz a aceitar esses conteúdos como corretos.”<sup>9</sup>

Cumprir o papel de mediador entre as mensagens de TV e sua recepção/interpretação pelos alunos exige do professor conhecer a relação entre alunos e TV. Requer obter de seus alunos informações a partir do desenvolvimento de atividades variadas, utilizando-se de questões e depoimentos escritos, discussões grupais, dramatização de situações, vídeos com trechos de programas.

---

<sup>7</sup> LAZAR, J. Mídia e Aprendizagem. In: *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação, 1999, p.102.

<sup>8</sup> MARTIN-BARBERO, J. Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais. In: *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação, 1999, p. 22.

<sup>9</sup> SÁNCHEZ, Francisco Martínez. Os meios de comunicação e a sociedade. In: *Mediatamente! Televisão, cultura e educação*. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação, 1999, p. 71.

### Atividade 7

1. Quantas horas por dia você vê TV? E seus familiares?
2. Com que finalidades cada membro de sua família assiste à TV (distração, diversão, obter companhia, unir a família, informar, instruir)?
3. Imagine situações familiares para cada finalidade do item anterior.
4. Como seria o seu cotidiano sem a televisão? Cite aspectos positivos e negativos.
5. Recentemente, que situações da TV (cenas, notícias, personagens, apresentadores) foram objeto de comentários com seus amigos, familiares ou colegas?

Deve-se partir do modo espontâneo de utilizar a mídia no cotidiano para explorar e aprofundar a compreensão dos programas de TV. Essa abordagem provoca a releitura criativa e a constatação de que as mensagens são seletivamente construídas: “Essa discussão naturalmente conduz a uma compreensão das implicações desta construção para as identidades de cada um, com pouca ou nenhuma pregação moralista. A mídia na educação torna-se, então, parte das mediações que conduzem o indivíduo a ser um sujeito ativo na construção da cultura”.<sup>10</sup>

#### 1.2.1. Gêneros televisuais

Quais são seus programas preferidos na TV?

Assiste a telejornais? Identifica diferenças e semelhanças entre eles?

Assiste a entrevistas, a debates?

Vê telenovelas? Identifica diferenças e semelhanças entre elas?

A programação de TV é classificada em gêneros, para organizar industrialmente a produção cultural. Gênero televisual é um conjunto de programas de TV com características comuns relacionadas a formas e a conteúdos. Os gêneros atendem a necessidades características do

<sup>10</sup> WHITE, R. A tendência dos estudos de recepção. *Comunicação & Educação*. São Paulo (13): 41 a 46, set./dez. 1998, p. 65.

produto industrial, como padronização e diferenciação. A função dos gêneros não se limita à econômica, ela é também cultural. É estratégia de leitura.

Ao oferecer satisfações esperadas à audiência, o gênero de TV ativa a memória de programas similares e de expectativas. Telespectadores podem ler uma novela a partir do conhecimento que têm de novelas e de suas vivências. De acordo com Hamburguer:<sup>11</sup>

“Em São Paulo, telespectadores avaliam a trama e os personagens de novela de acordo com seus dramas pessoais. É como se o folhetim popular fornecesse a chave para legitimar o tratamento público de dramas que marcam o cotidiano instável da vida na megalópole.”

Note que gêneros constituem ponto de contato entre o público – que de antemão sabe o que verá – e os produtores, estes sabedores da audiência que atrairão. Na televisão, a diversidade de gêneros demonstra as amplas possibilidades oferecidas aos realizadores e as diferentes modalidades de recepção demandadas. Há programas que misturam gêneros. Não há uma classificação única.

Machado destaca os gêneros televisuais: formas fundadas no diálogo; narrativas seriadas; telejornais; transmissões ao vivo; poesia televisual; videoclipes e outras formas musicais.<sup>12</sup>

a) Formas fundamentadas em diálogo: entrevistas, debates, mesas-redondas

Neste gênero, Machado enfatiza a maior ou a menor grandeza de apresentadores, âncoras, entrevistadores, bem como de seus interlocutores, entrevistados ou protagonistas.<sup>13</sup>

<sup>11</sup> HAMBURGUER, E. Qual é o futuro da novela? Folha de S. Paulo, 16 set. 2000, Especial 50 anos da TV Brasileira.

<sup>12</sup> MACHADO, obra citada, p. 71.

<sup>13</sup> MACHADO, obra citada, p. 72.

### Atividade 8

1. Você tem visto na TV mesas-redondas, entrevistas, debates interessantes?
2. Faça um levantamento dos programas deste gênero que estão no ar.
3. Observe entrevistas e responda:  
Quais entrevistadores improvisam, captam contribuições, surpreendem?  
Quais ficam presos a um script (roteiro) pré-elaborado?

A grandeza desses programas depende:

1. das inteligências envolvidas;
2. de questões estruturais.

Quem participa deve ter autonomia real. Seguir script determinando o quê, como e quando dizer limita o crescimento de qualquer debate, que nasce “da fogueira das idéias”. O bom moderador “fustiga as idéias, as faz emergir”. Para Machado, outro obstáculo é o tempo cronometrado, principalmente em televisões comerciais, por interesses econômicos (intervalos publicitários). Os debates ficam “marcados pelo ritmo ferrenho do cronômetro, com perguntas desferidas à queima-roupa, sem intervalos para pausas, hesitações ou reflexões”.<sup>14</sup>

### Atividade 9

Selecione dois programas de entrevista (ou debate) com temas de interesse do público jovem.

1. Como são discutidos os temas nesses programas?
  2. Que características você identifica nos entrevistadores dos programas que você selecionou? E nos entrevistados?
- Coloque suas respostas no Memorial e envie para seu tutor.



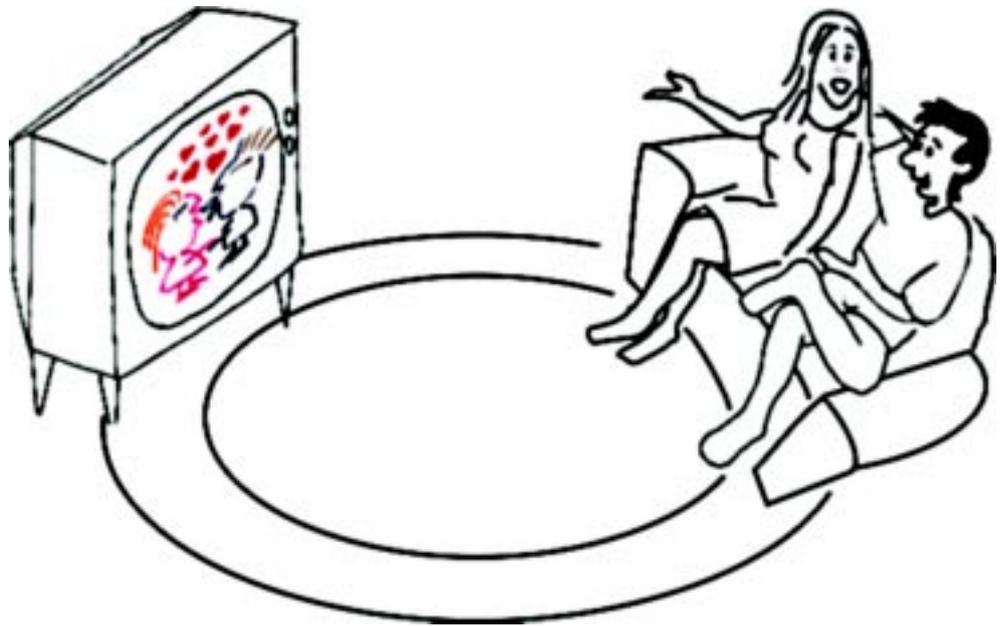
Sugestões para sua observação:

- originalidade e criatividade
- vocabulário rico

<sup>14</sup> MACHADO, p. 79-80.

- perguntas e respostas inteligentes
- conhecimento do tema
- simpatia
- confiança, credibilidade

b) Telenovelas<sup>15</sup>



Neste ano, você está acompanhando alguma telenovela?  
E sua família? E seus alunos?

Comente o texto a seguir, procurando discutir as idéias principais e sua própria reação diante da telenovela:

---

<sup>15</sup> PALLOTINI, R. Dramaturgia de televisão. São Paulo: Moderna, 1998.

A novela pauta a conversa entre vizinhos, a troca de idéias entre patrões e empregados, o programa dos pais com os filhos, o debate entre colegas de trabalho. Assistir e especular sobre o significado e os próximos acontecimentos da novela são rituais diários compartilhados por milhares de brasileiros. Fãs mais assíduos, além de seguirem fielmente os capítulos diários, se informam por meio da imprensa especializada e dos programas de rádio, participam de enquetes, consomem moda, usam gírias. Fãs menos assíduos não deixam de acompanhar o mínimo necessário para não perder o fio da meada da história. Há os que fazem questão de execrar o gênero, mas, após o primeiro choque, revelam conhecimento detalhado das tramas.

E. Hamburguer – Folha de S. Paulo, 16 set. 2000

Em narrativas seriadas – como telenovelas, séries – estrutura-se o enredo em capítulos ou episódios, que são divididos em blocos. Intervalos publicitários intercalam os blocos. Cada capítulo (episódio) é apresentado em dia ou horário diferente.

A telenovela contém uma narrativa principal, à qual se agregam outras narrativas. A principal inicia-se pelo(s) conflito(s) básico(s), que causa(m) desequilíbrio estrutural e origina(m) o desenvolvimento da ação narrativa para restabelecer o equilíbrio, geralmente obtido nos últimos capítulos. Com duração média de 160 capítulos, começa a ser gravada antes de se concluir a escrita de boa parte dos capítulos. Isso favorece mudanças de acordo com julgamentos do público e da crítica. A minissérie é compacta e usualmente é uma adaptação de obra literária. É uma espécie de minitelenovela. Apresenta-se em cinco a vinte episódios. É uma obra fechada, porque ao se iniciar sua gravação está concluído o roteiro, sem possibilidade de modificações, como ocorre em telenovelas.

O seriado apresenta em cada episódio uma narrativa completa. Desestabilizada a situação inicial, surgem um conflito, o desenvolvimento de uma ação reparadora e a resolução do conflito. Um episódio não depende de outro, mas os personagens e a estrutura narrativa são os mesmos. Não há seqüência obrigatória para a exibição dos episódios.

O unitário,<sup>16</sup> conta uma história (começo, meio e fim), com duração aproximada de sessenta minutos, que se basta em si mesma. Não é seqüenciável. Independentes uns dos outros, os episódios são únicos. Não repetem personagens nem cenários. Esgota sua proposta na unidade. Pode preservar o estilo das histórias e o título genérico. Exemplo: Casos Especiais – TV Globo.

#### Atividade 10

Busque um exemplo de telenovela, de minissérie e de seriado.

Televisão e serialidade nasceram da fusão de dois momentos chaves da sociedade moderna: o auge da cultura popular e o auge da produção industrial. O folhetim e a produção em série de programas deram origem às séries de televisão.<sup>17</sup>

A “competência televisual” do brasileiro floresceu dos seriados americanos, embora o formato serializado de telenovela (150 capítulos, horário nobre, segunda a sábado) seja a grande marca brasileira.<sup>18</sup> Em telenovelas, a história iniciada nos primeiros capítulos estende-se até o desfecho da série. Ao estrear, não está concluída. Preparam-se de vinte a trinta capítulos. Os demais são escritos e produzidos enquanto se exibem os anteriores, o que possibilita ao autor incorporar opiniões de telespectadores e se referir a acontecimentos e a temas contemporâneos do mundo real. Aproximam-se e interagem autor e receptor, ficção e realidade. A obra é semi-aberta, espécie de co-autoria com o telespectador.

Recentemente, você percebeu se alguma telenovela divulgou um fato importante em sua trama? Qual?

<sup>16</sup> PALLOTINI, obra citada, p. 25.

<sup>17</sup> VILCHES, L. La televisión: los efectos del bien y del mal. Barcelona: Paidós, 1993, p. 154.

<sup>18</sup> BALOGH, A. M. Conjunções, disjunções, transmutações: da literatura ao cinema e a TV. São Paulo, Annablume, 1996, p. 153.

### Atividade 11

Após assistir a um capítulo de telenovela, observe:

1. Qual o conflito no capítulo?
2. Qual a origem do conflito?
3. Quais as características dos personagens nele envolvidos?
4. Como se resolveu o conflito (ou como será resolvido)?
5. Houve violência? Qual a motivação do personagem para usar de violência?
6. Havia uma forma pacífica para resolver o conflito?
7. Que saída você propõe para resolvê-lo?

### Atividade 12

A telenovela pode auxiliar o professor em sala de aula e contribuir com o processo ensino-aprendizagem?

Responda, comentando a afirmação da professora Baccega:<sup>19</sup>

“A telenovela educa, e muito. Se educa a partir de valores que consideramos os mais adequados, essa é outra questão. A novela tem o poder de agendar temas importantes para discussão.”

### c) O telejornal

Assista a um telejornal e observe:

Em quantos blocos as notícias se estruturam?

Na escalada (abertura), quais as notícias chamadas (destacadas)?

Nelas se explorou emoção, drama, conflito, dor, morte?

E a última notícia teve conteúdo leve? Final reconfortante?

É cada vez menor a distância entre jornalismo e entretenimento. O espetáculo integra-se à função de informar. Os telejornais abrem-se à tensão dramática, às emoções intensas, às emoções extremas; notícias exploram sensações.

<sup>19</sup> BACCEGA, M. A. . Novela é coisa séria? Ao Mestre com Carinho, nº 23 , ano 3, jul. 2000.

Ainda que seja possível informar pelas duas vias, espera-se distração em um programa de entretenimento; e dos telejornais, informação sobre vida pública na política, nas ciências, na educação, nos negócios.

Aspectos considerados para se transformar acontecimento em notícia:<sup>20</sup>

- acontecimento: a importância e o interesse do acontecimento;
- preparação: os processos de produção e realização da matéria;
- público-alvo: a imagem que a emissora e os jornalistas têm dele;
- concorrência: velocidade e ineditismo da notícia (o furo jornalístico).

Com a intensa competição por audiência, o entretenimento predomina, porque se quer despertar interesse, atrair o telespectador. A meta é sempre audiência, isto é, o conjunto de consumidores do telejornal. Sucesso de audiência implica sucesso no mercado de anúncios.



#### Atividade 13

Imagine um acontecimento com uma vítima fatal.

Crie formas de noticiá-lo num jornal de TV:

- de modo impessoal, objetivo
- de modo sensacionalista

Descreva em cada um deles:

1. como o apresentador vai dar a notícia;
2. como o repórter intervém [em que fundo (cenário), o que diz (texto); a quem pergunta (entrevistado)];
3. que tipo de pergunta deve fazer;
4. que imagens o repórter cinematográfico deve mostrar.

Coloque esta atividade no Memorial e envie para seu tutor.

O telejornal é uma janela aberta para o mundo?

Telejornais resultam de mediação. Seu produto é mediado por jornalistas (produtores, editores, repórteres), repórteres cinematográficos, personagens (porta-vozes, testemunhas oculares e outros sujeitos competentes para construir uma versão do acontecimento).<sup>21</sup>

<sup>20</sup> WOLF, M. Teorias da comunicação. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p. 178.

<sup>21</sup> MACHADO, obra citada, p.102.

Quando uma seqüência de imagens de uma perseguição policial vai ao ar sem nenhum corte, com tremidos (câmera maluca), você imagina:

Que a TV mostra a realidade e não uma representação?

Mostra o momento do fato?

Mostra o evento em si, sem intervenção dos realizadores?

De acordo com Ferrés, noticiários não são janelas abertas para a realidade. A subjetividade impõe-se à objetividade: "As verdadeiras informações transmitidas pelos programas são a visão que seus autores têm da realidade. Reforçada por termos como documento ou documentário, a esperada objetividade não existe. Os programas são documentos unicamente da visão que seus autores possuem da realidade".<sup>22</sup>

Estudo realizado por Wolf analisa os elementos que entram no processo de seleção de fatos que serão transformados em notícias pela mídia. A escolha realiza-se rapidamente; há pouco tempo para reflexão. Vários critérios são aplicáveis a muitos acontecimentos disponíveis. Orientam-se para a eficiência como garantia do reabastecimento de notícias com menores custo, tempo e esforço. Sua aplicação depende do consenso entre os jornalistas e de uma organização hierárquica em que os com mais poder impõem e determinam os critérios relevantes para escolher uma notícia. A fonte principal de referências, orientações e valores dos jornalistas, crê-se, não é o público, mas o grupo de colegas ou superiores. Os critérios relativos a características substanciais das notícias articulam dois fatores: a importância da notícia e o interesse da notícia. Interpretando Wolf:<sup>23</sup>

### A importância da notícia

É determinada por:

1. nível hierárquico dos atores envolvidos no acontecimento a noticiar, definido quanto a instituições governamentais, outros organismos e hierarquias sociais;
2. impacto e capacidade de incidir e influir sobre a nação e o interesse nacional; sendo significativo, o fato pode ser noticiável;

<sup>22</sup> FERRÉS, Televisão e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b, p. 156-157.

<sup>23</sup> WOLF, obra citada, p. 157-221.

3. quantidade de pessoas; quanto mais indivíduos num desastre, quanto mais nomes numa ocasião formal, maiores a visibilidade e o valor da notícia;
4. relevância e perspectiva de evolução futura do acontecimento.

### O interesse da notícia

O interesse da história está estreitamente ligado às imagens que os jornalistas têm do público e também à notícia como “capacidade de entretenimento”. Pode contradizer os critérios de análise da importância do fato jornalístico.

Interessam as notícias que apresentam um acontecimento baseadas no aspecto humano, pontos de vista insólitos, pequenas curiosidades que atraem a atenção.

“O fim de um dos maiores mistérios de Brasília! Por que a macaquinha Capitu atravessa o lago só para trair o marido?”  
JN -TV Globo, 2 de abril de 1998.

Manter o interesse do público pelo noticiário é fundamental para informá-lo. Considerar-se-á pouco útil o jornalismo aprofundado se a audiência se aborrecer e trocar de canal. Valoriza-se o entretenimento também como meio para concretizar outros ideais do telejornal.<sup>24</sup>

---

<sup>24</sup> WOLF, p.178-182.

## Atividade 14

1. Observe (preferencialmente, reveja!) um telejornal.
  - a) Apresentou temas importantes que atraem grande audiência?
  - b) Quais as notícias mais destacadas?
  - c) Eram interessantes, divertidas, curiosas, dramáticas?
  - d) Algum acontecimento significativo não foi noticiado?
  - e) Sobre que temas desse telejornal você gostaria de receber amplas informações?
  
2. No dia seguinte, leia um jornal impresso e identifique notícias que você viu antes na TV. Avalie as duas abordagens: no impresso e no telejornal.
  - ▣ Notou diferenças?
  
3. Comente a frase: Se um fato não apareceu no telejornal, não aconteceu!

## d) A poética da transmissão ao vivo

A transmissão direta é nociva?  
Elimina a reflexão?

A transmissão ao vivo é alvo de ataques de todos os críticos. Para Machado, a razão de a televisão ser bode expiatório de todos os males do mundo pode estar na característica de operar em tempo presente. A transmissão direta constitui um gênero televisual, talvez o primeiro desse meio. Transmitir ao vivo é a mais marcante possibilidade da TV, nascida ao vivo. A primeira foi a transmissão dos Jogos Olímpicos de Berlim (1936). Transmitir em tempo presente exigiu desenvolvimento de recursos básicos expressivos.<sup>25</sup> Desde 1956, o equipamento de videoteipe propicia armazenamento prévio de informação audiovisual pelas emissoras.<sup>26</sup> O improvisado pôde ser (e é) preparado. A maioria da programação, embora não seja ao vivo, hoje incorpora traços da programação ao vivo.

Videoteipe:  
Fita magnética usada em TV para registro e reprodução de imagens e sons.

<sup>25</sup> MACHADO, p. 125-141.

<sup>26</sup> ALMEIDA, C. J. M. O que é vídeo. São Paulo: Nova cultural/Brasiliense, 1985, p.16.

### Atividade 15

1. Faça o levantamento dos programas ao vivo em TV aberta.
2. De quais você não gosta? Por quê?
3. Indique os programas ao vivo de que você gosta. Por quê?
4. Selecione os programas ao vivo específicos para o público infanto-juvenil. Quais você recomenda a seus alunos?

Refleta sobre este texto de Arlindo Machado:<sup>27</sup>

“A votação, pelo Congresso Nacional, da emenda que instituía as eleições diretas no Brasil, em 1984, foi realizada em surdina, sem o acompanhamento ao vivo da televisão e da população do país. Resultado: venceu a ditadura, e a emenda foi derrotada. Já a votação, pelo mesmo Congresso, em 1992, do impeachment do presidente Fernando Collor, acusado de corrupção, foi televisionada ao vivo, com o povo todo do país vigiando os votos dos deputados, em tempo presente. Resultado: venceu a democracia, e o corrupto foi destronado. Como pode, então, a transmissão direta ser considerada nociva?”

### e) Videoclipe

Videoclipe é o gênero mais genuinamente televisual, aponta Machado. O pequeno formato audiovisual revela uma forma artística de muita vitalidade, hoje espaço para mentalidades inventivas, síntese audiovisual. Sua primeira concepção foi a de clipe promocional, ilustração de uma canção preexistente. Evoluiu e superou clichês publicitários. Imagens glamourosas de astros deram lugar a paisagens, a transformação de imagens, a abstrações, a tratamento iconográfico mais livre. Com o videoclipe, reinventa-se o audiovisual. É a forma audiovisual capaz de dar uma resposta moderna à busca secular da fusão de imagem e som.<sup>28</sup>

<sup>27</sup> MACHADO, p. 129.

<sup>28</sup> MACHADO, p. 172-182.

### Atividade 16

Antes, você analisou a letra da música Santa Clara, de Caetano Veloso. Agora, a tarefa é ousar imaginar essas imagens, ver a canção e elaborar as imagens. Você pode descrever, desenhar ou fazer uma montagem com recorte e colagem.

Santa Clara, padroeira da televisão  
 Que a televisão não seja o inferno, interno ermo,  
 Um ver no excesso o eterno quase nada (quase nada)  
 Que a televisão não seja sempre vista  
 Como a montra condenada, a janela sinistra  
 Mas tomada pelo que ela é de poesia.

### 1.3. Espaço educativo na produção da TV



Qual é o espaço da função educativa na televisão aberta brasileira?

### Atividade 17

1. Como você define programa educativo?
2. Dê três exemplos de programas educativos que estão no ar, na televisão aberta.

Inclua suas respostas no Memorial e envie para o seu tutor.



Na atual competição por audiência, quando se pergunta pelas funções da TV aberta se destacam vender e divertir. Para garantir êxito nos índices de audiência, programas exibem situações ridículas, constrangimento, truculência, crueldade, violência, dor. Não se explica nem se faz reflexão sobre situações dolorosas. Embora toda emissora seja concessão pública, donos, produtores e apresentadores ignoram sua finalidade educativa.

Ratinho (SBT) declara:

“Não sou pago para pregar a moral, a cultura, mas para fazer um programa de entretenimento. É por isso que o cinema nacional vai mal, porque ele tenta educar o espectador. Quem tem de educar é o governo. (...) Devo entrar agora como sócio em um canal de Mato Grosso do Sul, a TV Pantanal. Quero fazer uns programas que mostrem mais a natureza (...) Mas não me confundam com um salvador da pátria, porque farei uma TV comercial. Não estou querendo melhorar a educação, nada disso.”<sup>29</sup>

Sérgio Mallandro (TV Gazeta), ex-ídolo infantil, apresentador de forte audiência na emissora, defende que educação é função da escola e entende por educação o ensino formal:

“A educação tem que ser feita na escola... Ensinar o ABC tem que ser na escola, senão a gente vai tirar o emprego dos professores.”<sup>30</sup>

#### Atividade 18

Restringir a concepção de educativo a apenas dar aulas serve a que interesses?

Só a escola educa?

TV e educação são incompatíveis?

Felizmente, a maioria dos profissionais de TV (jornalistas, atores, autores, editores, produtores, apresentadores) compromete-se com os meios de educar: informar, esclarecer, discutir temas relevantes.

Glória Peres, autora de telenovelas, envolve o espectador com temas palpitantes, recorrendo ao jornalismo. Na novela *Explode Coração*,

<sup>29</sup> SALLUM, E. Entrevista/Ratinho. Folha de S. Paulo, Tvfolha. São Paulo, 27 ago. 2000.

<sup>30</sup> CROITOR, C. Falam mal de mim porque meu programa incomoda. Folha de S. Paulo. São Paulo, 1 out. 2000.

fez campanha ficcional para localizar crianças desaparecidas. Em uma de suas entrevistas declarou:

“Em Carmem falei de Aids pela primeira vez em novelas, orientada pela vida moderna brasileira. Em De Corpo e Alma, tratei da doação de órgãos, orientada pelo Incor. (...) Novela é diversão, mas pode cumprir também uma função social, promovendo debates e colocando questões.”<sup>31</sup>

Os temas são inseridos na trama central ou nas tramas secundárias e fazem-se presentes na vida de personagens. Em seu desenrolar, as questões emergem, provocam reflexões. O autor de novelas Manoel Carlos, de *Laços de Família*, caracteriza-se por transmitir conselhos a seu público, utilizando-se de seus personagens:

“Considero uma prestação de serviço. Mais vale um personagem carismático recomendar o uso de preservativo do que o governo gastar milhões para dizer a mesma coisa.”<sup>32</sup>

A protagonista Helena – Vera Fischer (*Laços de Família*) – exorta os valores nutritivos das saladas, a importância de se usar camisinha em relações sexuais, de se atar cintos de segurança ao andar em carros. Outro personagem da mesma novela – o livreiro Miguel (Tony Ramos) – sempre cita obras e autores.

Manoel Carlos começou a mostrar essa preocupação em *Baila Comigo* (1981); Dr. Plínio (Fernando Torres) também sugeria leituras:

“Coloco no texto livros dos quais gostei, pois acho que a novela presta um serviço dando dicas de leitura.”<sup>33</sup>

O jornalista Valladares pede o cuidado de não se transformar em aborrecedor os personagens, mas sustenta:

“Num país como o Brasil, em que uma parcela significativa da população não tem acesso ao ensino básico, a televisão deve, sim, exercer uma função educativa.”<sup>34</sup>

O sucesso do diálogo ficção–realidade dissolve fronteiras, faz que a telenovela supere o mero entretenimento. Não se trata de adicionar

<sup>31</sup> MEPOMUCENO, Rosa. Os Magos – Rosa – In: Especial Telenovelas. Vogue Brasil, nº 243, mar. 1998, p. 96.

<sup>32</sup> VALLADARES, R. Civilização neles: Manoel Carlos, autor de *Laços de Família*, acha que novela tem de educar. Ele está certíssimo. Veja, Edição 1.655, 28 jun. 2000.

<sup>33</sup> MARTHE, Marcelo. Livros no ar. *Laços de Família* faz a alegria dos editores. Veja, nº 1.661, 9 ago. 2000.

<sup>34</sup> VALLADARES, obra citada.

falas e críticas sobre problemas desligados da trama, que podem levar a um vazio. Exige-se trabalho criativo, tenso, arriscado. O autor conflitua-se entre compromissos com as normas próprias da ficção e compromissos socioeducativos. Essa tensão pode pôr em risco a obra dramática, ainda que obtenha sucesso do ponto de vista do compromisso social.

Dependendo do autor, há espaço para mediação educativa em programas de entretenimento.

#### Atividade 19

1. Você está acompanhando uma novela?
2. O autor tem intenção de educar?
3. O que considera deseducativo na novela?
4. Que temas levantados pela trama poderiam ser debatidos em sala de aula?

Notícia alvissareira: há atores, diretores e roteiristas (entre eles Regina Casé, Marcelo Tas, Hermano Vianna, Pedro Cardoso, Guel Arraes, João Moreira Salles, Jorge Furtado e Cacá Diegues) discutindo em grupo a TV aberta, em busca de programação mais inteligente e ao mesmo tempo tão atraente como as atrações apelativas. Para Gabriel Priolli, jornalista e professor, só a pressão da opinião pública poderá mudar a TV. O telespectador também tem o dever de cobrar programas melhores das emissoras. A TV comercial não pode contrariar patrocinadores e telespectadores.<sup>35</sup>

#### 1.3.1. Finalidade educativa e a capacidade de aprender do receptor

É possível aprender em programas de TV não produzidos para educar?

Tanto os programas de entretenimento como os educativos informam, estimulam percepções, desafiam padrões, influem em julgamentos. O receptor tem competência para aprender com programas de entretenimento produzidos sem objetivo de ensinar, de educar. O mesmo receptor pode rejeitar programas com linguagens, formas e conteúdos escolares que lhe lembrem uma aula expositiva. A capacidade de aprender

<sup>35</sup> PRIOLLI, G. O poder de "pensar a TV". O Estado de S. Paulo. São Paulo, 12 nov. 2000.

independe da intenção de ensinar. Somos capazes de aprender com a própria vida.

Pesquisa pioneira sobre a relação criança x televisão revelou que crianças se recusavam a assistir a programas didáticos em casa. TV é para divertir, para relaxar dos trabalhos escolares. Mas elas não recusavam aprendizagem incidental, proporcionada por programas de entretenimento. Fantasia, diversão e aprendizagem são os três aspectos motivadores mais comuns para que a criança assista à TV, sendo a diversão o principal motivo para que ela ligue o televisor. Constatar a aprendizagem incidental chamou a atenção para o caráter formativo da televisão, ao fomentar conhecimentos e desenvolver a imaginação.<sup>36</sup> Crianças não se fazem passivas ante o meio. Ver televisão demanda atividades perceptivas e cognitivas.

A dimensão educativa de uma programação de televisão pode ser determinada pelos profissionais que a produzem (e/ou decidem-na) e por aquele que aprende.

Se o receptor aprende com programas produzidos sem intenção de educar, a qualidade dos programas é importante?

O telespectador pode fazer uma leitura profunda e preciosa de um programa qualquer?

Na recepção de mensagens da mídia, a autonomia dos sujeitos e as especificidades dos contextos culturais, ao se reelaborar o significado das mensagens recebidas, não implicam uma mídia neutra, nem um receptor todo-poderoso.

A idéia de que o poder reside exclusivamente no receptor é falsa, afirma Martin-Barbero, quando explica que o estudo da recepção, sobre os usos que as pessoas fazem dos meios e de suas leituras, pode levar ao idealismo de crer que o receptor tem o poder de fazer o que quer, sem limites sociais fortes. Importa o que se lê, o que se consome:

“Perguntem a qualquer dona de casa. Ela sabe que importa o que se consome, que não pode ser qualquer coisa, porque se o que ela compra

<sup>36</sup> SCHARMM, W. et al. Television in the lives of our children. 3. ed. Stanford: Stanford University Press, 1968, p. 57-60.

é ruim, ela não pode fazer uma comida muito boa, ainda que seja uma cozinheira fabulosa. Há limites no seu saber de cozinheira, dependendo dos ingredientes com os quais vai cozinhar. Então, o poder não está todo do lado do consumidor, não está todo do lado de quem cozinha, depende daquilo com o que vamos cozinhar, daquilo que vamos ler. A segunda ameaça, a mais perigosa, é desligar o estudo da recepção dos processos de produção.”<sup>37</sup>

### 1.3.2. Programas educativos e linguagem audiovisual

Durante uma semana, considerando programa educativo o produzido com a explícita intenção de educar, observe a TV aberta nos principais canais.

Em que dias e horários os programas educativos são mais exibidos? Por quê?

A quais públicos se destinam?

Qual dos programas você achou mais interessante? Por quê?

Qual(is) reproduz(em) situações de sala de aula?

Qual(is) utiliza(m) mais a linguagem de televisão e não a da sala de aula?

A concepção dominante de programas educativos relaciona-se à escola. Refere-se, direta ou indiretamente, a situações tradicionais de comunicação em sala de aula: objetos escolares, linguagem do livro, exposição professoral, relação de comunicação mecânica/tradicional entre professor e alunos.

Associa-se a presença da intenção educativa explícita em programas de televisão à exigência de subserviência da modalidade expressiva (cinematográfica, televisiva, artística) e, conseqüentemente, à perda da especificidade dessa modalidade. Daí programas de televisão intencionalmente educativos serem vistos como gênero inferior, incompatíveis com a linguagem da televisão e a do cinema:

“Sempre um pouco envergonhado de não ser verdadeiramente cinema – entendemos cinema ficcional ou narrativo –, o filme pedagógico procura ou bem parecer com o filme ficcional e rejeita ser didático para

---

<sup>37</sup> MARTIN-BARBERO, J. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção. In: SOUZA, M. W. de (org). Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 52.

não ser aborrecedor, ou bem vira as costas ao cinema ficcional e aceita ser aborrecedor por ser seguramente didático.”<sup>38</sup>

Que programas educativos desafiam essa separação e aproximam linguagem audiovisual e finalidade educativa, televisão e educação?

Pode-se entender por linguagem de televisão<sup>39</sup> ou linguagem audiovisual a combinação de linguagens do cinema, da televisão, do vídeo, do rádio, dos quadrinhos, da computação gráfica. Imagem, palavra e música interagem constituindo esse modo de comunicação afetivo, emocional.

Para classificar programação educativa em função do nível de articulação da finalidade educativa com a especificidade da linguagem audiovisual, partimos da proposta de Jacquinot para filmes pedagógicos.<sup>40</sup>

Propomos três níveis:

1º) aulas, palestras e entrevistas gravadas

Aulas, cursos, conferências, entrevistas gravadas em vídeo ou transmitidas por televisão são os programas educativos que mais se afastam da linguagem televisual, porque utilizam o meio audiovisual limitado às técnicas de registro de transmissão, sem haver preocupação com entreter, atrair público; pressupõem público cativo.

As aulas gravadas ou teleaulas ou videoaulas, segundo Jacquinot, enquadram-se no modelo clássico de filme pedagógico que atende às exigências de uma intenção didática, ignorando formulação audiovisual.<sup>41</sup> O mundo da sala de aula e o do especialista são as referências principais. O esforço de fazer a TV funcionar educacionalmente seguindo modos sedimentados, como observa Braga, “corresponde a usar as linguagens do livro e da sala de aula para fazer televisão ou rádio

<sup>38</sup> JACQUINOT, Geneviève. *Image et pédagogie*. s.l. Presses Universitaires de France, 1977, p.18

<sup>39</sup> Ver Linguagem da TV e do vídeo, módulo 1, unidade 2 deste Curso TV na Escola.

<sup>40</sup> JACQUINOT, G., LEBLANC, G. (coordination). *Les genres télévisuels dans l'enseignement*. Paris: Hachette, 1996, p. 19-24.

<sup>41</sup> JACQUINOT, 1977, obra citada.

educativo, por exemplo. Nesse molde, as aulas não correspondem às expectativas de leitura dos espectadores, não conseguem facilmente resultados positivos; são cansativas, monótonas”.<sup>42</sup>

Os primeiros programas de transmissão de aulas e palestras por TV foram chamados programas de rádio filmados ou cabeças falantes. No Brasil dos anos 1950 não havia uma linguagem específica de televisão. Teleaulas eram registradas por câmera fixa, as imagens resumiam-se a teleprofessor e quadro-negro. Em 1967 definiu-se oficialmente programa educativo: “A televisão educativa destinar-se-á à divulgação de programas educacionais, mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates”.<sup>43</sup>

#### Atividade 20

Assista a uma teleaula ou videoaula que se enquadre nesse modelo.

1. Que função desempenha melhor: informar ou motivar o estudo?
2. A que público se destina?
3. Que pessoas se interessam em assistir?
4. Pode-se assistir em casa (distraidamente)?
5. Ou exige sala de aula? É necessário um professor para tirar dúvidas?

Até que ponto o programa educativo limitado a uma aula serve para desobrigar os meios de comunicação de atender a finalidades educativas?

#### 2º) audiovisual didático

A crítica mais freqüente quanto ao uso de televisão na educação tem sido o fato de não serem exploradas as possibilidades da linguagem de TV, reduzindo-a a suporte (e veículo) de exposição professoral. Avan-

<sup>42</sup> BRAGA, J. L. Meios de comunicação e linguagens: A questão educacional e a interatividade. Revista Linhas Críticas. Brasília, v. 5, nº 9, jul. a dez. 1999, p. 149-157.

<sup>43</sup> Decreto 236, de 1967.

çou-se ao incluir em programas educativos recursos audiovisuais, tais como: trechos de filmes, imagens de arquivos, dramatização, fotografia, desenhos, cartelas, diagramas, mapas, música, sons.

Enquadra-se como “audiovisual didático” todo vídeo/programa de TV que intenta ensinar utilizando a dupla percepção do audiovisual: ouvir e ver. O “audiovisual didático” aproxima-se da linguagem audiovisual, mas o modelo ainda é linear, analítico. Traduz conteúdos em sons e imagens. Utiliza elementos de expressão audiovisual: imagem fixa ou movimentada, variadas fontes, ângulos diversos, enquadramentos, diversos efeitos eletrônicos, com a música portando informações, as palavras tendo conteúdos; timbre, elocução, silêncio, citações legíveis na tela, em função do ensinamento e do tipo de aprendizagem visada.<sup>44</sup>

Nossa Língua Portuguesa (com o professor Pasquale Cipro Neto) e o Telecurso 2000 são exemplos de “audiovisual didático”.

#### Atividade 21

Faça um levantamento de cinco programas da TV Escola em sua área de interesse.

1. Que programas educativos você enquadra como “aula gravada”?
2. Que programas educativos você enquadra como “audiovisual didático”?

Selecione um programa educativo. Analise-o:\*

1. O programa utiliza a linguagem da TV ou tem discurso verbal ilustrado com imagens e música de fundo?
2. O que predomina? Discurso verbal, linear, analítico? Ou as dimensões intuitiva e emotiva? Ou todos, simultaneamente?
3. De que fontes se originam as imagens? Gravação em estúdio, externa, arquivo, computador, outras?
4. São imagens em movimento? Há imagens fixas? Incluem desenhos, esquemas, gráficos, mapas, palavras escritas?
5. Utilizam-se recursos sonoros? Músicas, vozes, efeitos?
6. A música serve só de fundo ou fornece contribuições?

Inclua esta atividade no seu Memorial e envie para seu tutor.



<sup>44</sup> JACQUINOT, 1996, p. 21-22.

\* FERRÉS, J. Vídeo e educação. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a. p. 123-126.

### 3º) Lúdico-ficcional<sup>45</sup>

Se crianças aprendem com programas que priorizam a diversão, por que os programas educativos não podem ser divertidos?

Por que não fazê-los divertidos?

Por que não usar essa atração para atender às necessidades cognitivas e emocionais da criança?

Uma das especificidades da linguagem audiovisual é a adequação à ficção narrativa e à identificação emocional, linguagem que envolve fantasia e desejo mais que razão. Não faz sentido exigir da televisão a linguagem analítica específica da escola.

Que tipos de programa em TV que utilizem jogo, ficção e entretenimento podem ser desenvolvidos em educação?

Consideramos lúdico-ficcionais os programas educativos com uma mais ampla concepção de educativo, não limitada à preleção didática. Para provocar aprendizagem, abrem-se ao imaginário, à ficção, ao ludismo, manejando linguagens e formatos.

Os programas educativos lúdico-ficcionais destinados ao público infanto-juvenil voltam-se para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo desse público. Os pioneiros foram Vila Sésamo e Sítio do Pica-Pau Amarelo. O mais atual, Flora Encantada, esteve no ar diariamente, de outubro de 1999 a março de 2000, pela TV Globo. Tratava de temática ambiental. Flora Encantada (Angélica) era a personagem principal que, junto com seus amigos, cuidava da floresta e impedia a sua destruição pela Bruxa Ganância.

Abordaremos a seguir as produções: Vila Sésamo, Sítio do Pica-pau Amarelo, Rá-Tim-Bum e Castelo Rá-Tim-Bum.

#### ▣ Vila Sésamo

Foi o primeiro programa a tentar aproximar entretenimento e educação. Transformou-se na série educativa infantil de maior sucesso. Comparti-

---

<sup>45</sup> Esse tópico desenvolveu-se com base na obra de CARNEIRO, V. L. O. Castelo Rá-Tim-Bum: educação como entretenimento. São Paulo: Annablume, 1999a. A expressão lúdico-ficcional deriva da expressão "do esquete lúdico à ficção didática", de Jacquinot, 1996.

lhava da nova conceituação de televisão pública norte-americana que desvinculava a forte associação de TV educativa com ensino formal e sala de aula, que afastava dos canais educativos muitos dos que mais podiam usufruí-los. Vila Sésamo afastou-se da perspectiva de sala de aula e estabeleceu relação direta e envolvente com as crianças. O prazer das crianças diante de comerciais foi o ponto de partida. Uniu-se conteúdo pedagógico a atrativos de mensagens publicitárias. Usou-se o divertimento no sentido educativo como motivação para ensinar conceitos.

A série foi estruturada em quadros breves, inspirados em técnicas publicitárias de TV, possibilitando ensinar e divertir crianças, utilizando a atração da televisão e o potencial tecnológico. Em cada quadro, um objetivo pedagógico; quadros com bonecos e personagens humanos, animação e música. A TV Cultura produziu a versão brasileira em parceria com a TV Globo e ficou no ar entre 1972 e 1977.

Você conhece algum programa destinado ao público infanto-juvenil estruturado em pequenos módulos (ou quadros)?

#### ▣ Sítio do Pica-Pau Amarelo

Em 1951, na recém-inaugurada TV Tupi, Tatiana Belinsky e Júlio Gouveia fizeram ao vivo a primeira série para crianças, o Sítio do Pica-Pau Amarelo, adaptação das histórias de Monteiro Lobato para o teatro. Era teleteatro. Não havia linguagem de televisão, nem videoteipe. A narrativa com conflito, nó dramático e envolvimento emocional das crianças era fundamental para que elas se desenvolvessem intelectual, emocional e esteticamente.

Em 1977, estreou a série Sítio do Pica-Pau Amarelo, co-produção TV Globo/TVE do Rio, recriação de histórias de Lobato para a linguagem de televisão, adaptadas por Benedito Ruy Barbosa e dirigidas por Geraldo Casé, em formato de telenovela, com acompanhamento pedagógico de Maria Helena Silveira e equipe. Dividia-se em capítulos curtos. Havia o gancho da última cena para o próximo capítulo.

No Sítio, a comunicação presente nas experiências dos personagens se fazia predominantemente pelos sentidos, emoções e ou pelo discurso verbal, analítico? Por quê?

## ▣ Rá-Tim-Bum

Estreou na TV Cultura em 1990. Até hoje é reprisado. Sua missão: ensinar e divertir. Tem trinta minutos de duração. Destina-se a crianças em idade pré-escolar (três a seis anos). Abrange socialização, higiene e saúde, coordenação motora, percepção audiovisual e outras áreas do conhecimento. Tem formato fragmentado e ágil. Compõe-se de quadros de cinco a noventa segundos de duração, cada um com estrutura narrativa própria. Ao ser lançado, avivou lembranças do Vila Sésamo. A comparação foi inevitável. Semelhanças e relações de parentesco foram destacadas.

Sua competência em ensinar e divertir foi reconhecida. Entre vários prêmios obteve a medalha de ouro do Festival Internacional de Cinema e Televisão de New York (1991), na categoria programa educativo infantil. As repercussões da premiação colocaram-no em primeiro plano na mídia brasileira. Com o Rá-Tim-Bum reafirmou-se a possibilidade de a programação infantil integrar diversão, tecnologias audiovisuais e finalidades pedagógicas.

A linguagem utilizada no programa Rá-Tim-Bum era a de televisão.

“Ao contrário de outras experiências bem-intencionadas e de boa qualidade realizadas no Brasil no passado, este é um programa que é de TV, mesmo. Não é literatura transposta para a tela, nem teatro frente às câmeras, nem rádio com imagem. É TV. É um espetáculo que se vale de todos os recursos postos à sua disposição pelo meio. Tem o ritmo dos comerciais e dos videoclips, a dinâmica dos desenhos animados e das animações, usa bonecos e seres humanos, mistura adultos com crianças.”<sup>46</sup>

### Atividade 22

Se possível, veja um programa Castelo Rá-Tim-Bum (ou um Rá-Tim-Bum). Quantos quadros pedagógicos com personagens diferentes apareceram?

1. Que quadro achou mais interessante?
2. Considera lúdico o programa? Tem objetivos pedagógicos?
3. Que recursos visuais mais lhe chamaram a atenção?
4. Que recursos sonoros mais lhe chamaram a atenção?

<sup>46</sup> LINS SILVA, C. E. Rá-Tim-Bum usa todos os recursos televisivos. Folha de S. Paulo, 3 fev. 1991.

## ▣ Castelo Rá-Tim-Bum

O Castelo é uma série de noventa episódios; estreou em 1994, concebida por Cao Hamburger e Flávio de Souza para o público infantil. Produzida pela TV Cultura-SP, incorporou traços de programas inovadores que o antecederam:

“O Castelo Rá-Tim-Bum, na verdade, é a soma dos conhecimentos da TV Cultura desde a sua fundação. Nós estamos com 25 anos. A gente fez Vila Sésamo, Catavento, Bambalalão, o próprio Rá-Tim-Bum e o Mundo da Lua. Na verdade, se você olhar bem a tecnologia de criação desse programa, vai perceber que ele é o Rá-Tim-Bum mais o Mundo da Lua. Tem uma história central, uma ficção que puxa o resto.”<sup>47</sup>

### Atividade 23

Assista a um episódio do Castelo. Identifique elementos de outros programas que você conhece. Caso não tenha acesso a esse programa, selecione outro programa educativo e realize a atividade proposta.

O Castelo Rá-Tim-Bum inseriu-se na continuidade do trabalho de produção infanto-juvenil da TV Cultura, que enfatiza finalidades educativas de forma lúdica, divertida, direta. Avançou, em relação a seus antecessores, no atendimento às necessidades de desenvolvimento emocional, cognitivo e social da criança.

É uma série educativo-ficcional constituída de narrativa principal com inserção de quadros pedagógicos. O conflito principal é bem definido, uma intriga. O sonho maior do herói Nino, de trezentos anos, é ser aceito numa escola. É a falta da escola que fundamenta a necessidade dramática do personagem. Usa-se a emoção para estimular conhecimentos propriamente ditos. Simultaneamente, usa-se o cognitivo para aprender sobre emoções.

Há, em tudo, impregnação do cotidiano, do familiar. Nos quadros, personagens, objetos, informações, conceitos podem ser envolvidos por emoções. Constata-se a presença de mais um mundo de referência –

<sup>47</sup> MUYLAERT, R. As funções da televisão educativa. Entrevistado por J. C. Alves. In: Comunicação & Educação. São Paulo, (2): jan. abr.1995.

a fantasia, o imaginário – que permeia e transforma os outros mundos: o real, o da sala de aula e o do especialista. Com o mundo real faz um jogo de apoio mútuo. A fantasia atende às solicitações centradas no aprender. Como nos contos de fadas, a fantasia está a serviço do mundo real. O mundo da sala de aula é desenfaticado, refere-se a crianças que frequentam escola, ao desejo do herói de ir para a escola, a objetos que lembram escola. No mundo do especialista, o conhecimento especializado é tomado como não-especializado pelas suas imbricações com os problemas cotidianos.

Mundo da Lua  
Produção: TV Cultura –  
1991. Série destinada ao  
público infanto-juvenil.  
Mostrava outro modo de ver  
a si e ao mundo por meio  
de vivência imaginária no  
mundo da lua.

O Castelo Rá-Tim-Bum mostra ser possível mediar pedagogicamente a produção em TV por meio da inscrição da intencionalidade em diversos formatos de televisão. Desmente a incompatibilidade da convivência da finalidade educativa com as linguagens de TV e o interesse maior da televisão: a audiência.

Anos Incríveis (EUA, 1988/  
1993). Estreou na TV  
Cultura-SP. Garantiu a  
audiência conquistada pelo  
Mundo da Lua. Abordava,  
sob a ótica de um garoto,  
os obstáculos que enfrenta-  
va para se tornar adulto.

Há outros programas lúdico-ficcionais de sucesso perante o público infanto-juvenil (Mundo da Lua, Confissões de Adolescente, Anos Incríveis) que mostram a competente união entre educação e televisão. Narram com sensibilidade o cotidiano adolescente e apóiam emocional e intelectualmente o jovem para refletir sobre a vida. Iara (14 anos) explica por que gostava de Anos Incríveis:<sup>48</sup>

Confissões de Adolescente  
Co-produção TV Cultura e  
produtora DEZ. Série que  
narra conflitos vividos por  
quatro adolescentes de  
uma mesma família, na  
ótica adolescente.

“Tem uma cena desses Anos Incríveis que os pais deles estão querendo se separar, então ajuda bastante, porque você às vezes fica em dúvida. Meus pais, mesmo, tão querendo se separar, talvez. E aí você tem que escolher entre um e outro. Aí fica difícil. Mas ali eles te ensinam com quem você deve ficar, ou não. Depois a família se reúne de novo, volta tudo ao normal.”

#### Atividade 24

1. Levante as séries destinadas ao público infanto-juvenil que estão no ar.

- De qual gosta mais? Por quê?
- De qual não gosta? Por quê?
- Quais indica para crianças e adolescentes?
- Conhece algum estudante que assiste a uma delas? Que opinião tem ele sobre a série?

<sup>48</sup> CARNEIRO, obra citada, 1999a, p. 181.

Conclui-se: não se pode deixar a TV apenas com quem vende. Em 1950, ela começou assim, e até hoje se mantém. Embora com limitações, distorções, aberrações, consegue formar, informar e divertir. É necessário fazê-la assumir o compromisso de educar: "Continuemos a cobrar dela mais responsabilidade com a educação e a cultura. É só o que lhe falta vender ao público, com a competência que tem".<sup>49</sup>

#### 1.4. Integração de TV/vídeo às atividades curriculares



A televisão está presente na escola não tanto por aparatos físicos, mas pela cultura de uma geração de jovens que compartilha a mesma cultura audiovisual que enfatiza a emoção, o interessante, o inesperado, o entretenimento. Para Babin, pensador francês, o sentir antecede o compreender nessa cultura; fala-se mais do que se escreve, vê-se mais do que se lê.<sup>50</sup> Há um novo modo de compreender.

É possível apoiar-se nessa cultura para desenvolver atividades curriculares, desenvolver leitura crítica da televisão e problematizar conteúdos pedagógicos? Tal cultura pode ser uma entrada para se trabalhar conceitos e conteúdos?

Na linguagem audiovisual, é da emoção que se chega à idéia. Os significados provêm das interações de múltiplos elementos (imagens,

<sup>49</sup> PRIOLLI, G. A arte de vender sabonete. O Estado de S. Paulo, 15 out. 2000.

<sup>50</sup> BABIN, P., KOULOUMDJIAN, M. F. Os novos modos de compreender: A geração do audiovisual ao computador. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 38.

falas, músicas, efeitos sonoros). O ritmo é rápido; o fluxo de imagens, contínuo. A escrita é mais adequada ao pensamento reflexivo, à análise lógica, à abstração, enquanto os meios audiovisuais enfatizam mais os sentidos. Na televisão, comumente os temas apresentam-se de modo superficial, fragmentados e em diferentes formatos. A diversão torna-se ferramenta de compreensão, e a aprendizagem desafia o educador a abrir-se a novas linguagens e a repensar seu papel diante das novas configurações tecnológicas e culturais.

#### 1.4.1. Educador como protagonista

A integração das tecnologias de TV e vídeo ao processo de ensino-aprendizagem requer do professor desempenhar nova função – a de protagonista dessa integração. Cabe-lhe preparar-se para mediar a cultura televisiva e as necessidades de desenvolvimento cognitivas, sociais e emocionais dos alunos. Estes, influenciados por essa cultura, desenvolvem mais os processos intuitivo e associativo e menos os processos analíticos da prática escolar. Incorporar a TV e o vídeo à educação significa introduzir outra linguagem, outro modo de pensar e perceber, num espaço em que as atividades se apóiam muito mais nas linguagens escrita e falada.

Nas experiências pioneiras de uso da TV em ensino, uma questão inquietava os professores: a televisão deve desempenhar função de professor, ensinar diretamente aos alunos, substituir o professor ou servir de apoio ao trabalho docente? Estudo de Cassirer sobre experiências mundiais (anos 1950) revelou que a contraposição professor x televisão era obstáculo para se aproveitar todas as possibilidades da televisão. A importância da função do professor destacava-se em todas as experiências. Estas mostraram enfaticamente que programas de televisão de maior qualidade exigiam professores mais preparados em sala de aula.<sup>51</sup>

Em vez de substituir o professor, a TV exige o máximo de suas possibilidades como educador.

Como música e literatura, TV é um meio “que expõe o mito da sociedade atual através do narrativo, do fantástico e do ritual da continuidade, sem buscar a objetividade da realidade do modo como o fazem as

<sup>51</sup> CASSIRER, H. R. Televisión y enseñanza. Buenos Aires: Solar, 1961, p. 295-296.

ciências”.<sup>52</sup> Seu modo de expressão tem especificidades diferentes da expressão verbal e da escrita, incidindo sobre a maneira de perceber, de apreender.

Você já recomendou algum programa de televisão para seus alunos assistirem? Realizou com seus alunos atividades ligadas ao programa?

Na escola, uma professora aceitar da criança uma informação obtida num programa de televisão pode sinalizar a bem-vinda aproximação entre escola e entretenimento da família, especialmente para quem tem só a TV como fonte de entretenimento e informação:

“Ele é um menino inteligente. Se vê um negócio, grava e fala pra você. Não esquece. Teve uma parte que passou, aí ele falou: ‘Oh! mãe, hoje eu tive aula de ciências e a professora tava explicando, e eu falei; ninguém sabia e eu falei pra ela’. Sabe? As crianças não sabiam, e ele sabia. Por quê? Porque ele viu pela televisão! (...) Aí, a professora perguntou onde ele tinha aprendido. Ele falou que assiste Mundo do Beakman, né? Ela falou: ‘Você assiste Mundo do Beakman? Ele falou: ‘Eu assisto’. A professora: ‘Você não perde, não. Você só ganha!’ (Comunicação oral da mãe de uma criança de dez anos).<sup>53</sup>

Mundo de Beakman (EUA - 1993). Estreou na TV Cultura-SP.

Beakman (Paul Zaloom) é um cientista bem-humorado que explica os mistérios da ciência. Faz experiências as mais diversas, desde o funcionamento de vulcões ao cultivo de bactérias. A linguagem é de televisão. Ensina noções elementares de física, química e biologia.

Incorporar a televisão à prática pedagógica implica abandonar os textos escritos?

“Num programa recente de Sandy e Júnior, uma classe desejava fazer um canal de TV, enquanto uma professora autoritária queria montar uma biblioteca. Ganhou a TV, claro. A questão é: por que a biblioteca está do lado autoritário e a TV do lado moderno? Não tenhamos ilusões: só aproveita bem a mídia moderna, TV, Internet, quem domina a antiga, a da leitura em papel, a de Gutenberg. O que fazer? Reclamar. Há mais de um milhão de professores no Brasil. Por que não escrevem à emissora, dizendo que não gostam de ver associados os livros ao autoritarismo dos professores? Se o Brasil quer virar um país decente, tem de priorizar a educação. (...) Nada substitui a voz dos interessados, quando se trata de

<sup>52</sup> VILCHES, obra citada, p.15.

<sup>53</sup> CARNEIRO, obra citada, p.180.

defender o direito. O mundo está mudando, e muitos não o perceberam. O que os professores não podem é achar que estão na linha de fogo e nada podem fazer contra isso. Podem, sim. Podem pôr a boca no mundo.”<sup>54</sup>

#### Atividade 25

1. Você concorda com essa proposta do autor? Por quê?
2. Se você fosse discutir esse episódio de TV com os alunos, que temas poderiam ser abordados?

### 1.4.2. Orientação para postura crítica e seletiva ante a TV

A escola deve ser um espaço de mediação entre TV, crianças e jovens. Pode influenciar a recepção, a percepção e as reações aos diferentes meios. Detectando o caráter educativo dos programas, pode ampliá-lo, reforçá-lo, fazê-lo assunto de diálogo e discussão. Incorporando televisão ao currículo, pode propiciar às crianças mais reflexão e criticidade ao ver TV.

Indubitavelmente, o professor pode exercer influência sobre aquilo a que as crianças assistem. Pesquisas recentes atestam que sua orientação para se assistir a determinados programas possibilita aumento da audiência e maior aprendizado. A influência potencial do professor cresce quando a lista de sugestões de programas vistos é complementada com debates em sala de aula.<sup>55</sup>

De um modo geral, os pais sabem o que não querem a que seu filhos assistam. Mas não sabem que programas indicar aos filhos. Daí a importância de a escola fazer sugestões de programas.

Professores devem orientar alunos sobre o que assistir pela televisão?

As escolas podem auxiliar na tarefa seletiva dos pais?

<sup>54</sup> RIBEIRO, R. J. O “e” que virou “i”. O Estado de S. Paulo, 22 out. 2000.

<sup>55</sup> GREENFIELD, P. M. O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica. São Paulo: Summus, 1988, p. 130 –131.

### 1.4.3. Uso pedagógico de programas de TV

A TV pode oferecer informação, dinamizar temas significativos, incorporar transversalidade às atividades curriculares desenvolvidas na escola. A inserção de temas, programas ou filmes no processo pedagógico subverte o ritmo acadêmico, sem excluir a análise. Analisar a TV e incorporá-la aos processos de ensino-aprendizagem complementam-se.

Estudando inteligências múltiplas, Gardner revela que muitos conceitos podem ser definidos, representados, ensinados a partir de múltipla perspectiva; admitem diversidade:

“Os conceitos importantes de cada domínio permitem vários ‘pontos de entrada’, variando do estético e do narrativo, num dos extremos, ao lógico, ao filosófico e ao experiencial no outro extremo.”<sup>56</sup>

Reconhecendo sem culpa a relação de prazer do receptor com TV e filmes, os educadores aproximam-se do que é produzido sem uma finalidade explícita de ensinar. Partem da experiência perceptiva, da motivação emocional, para trabalhar temas transversais, conteúdos curriculares e modalidades de expressão. Trazem para suas disciplinas atmosferas de viagem, da aventura entre o estado sensível estimulado na linguagem audiovisual e a compreensão racional dos conteúdos.<sup>57</sup>

Entre as estratégias pedagógicas de utilização de programas de entretenimento (ou segmentos) por professores, no ensino sistematizado de conteúdos específicos destacam-se as de Maria Thereza Rocco.<sup>58</sup> A autora considera “a importância assumida pela TV no cotidiano das pessoas, em especial no hoje da criança e do pré-adolescente”. Sistematiza propostas pioneiras de atividades pedagógicas em ensino de língua materna que incorporam textos de televisão. Ao propor a utilização do texto publicitário, argumenta:

“A gramática do comercial é limpidamente definida. Se por um lado nos coloca frente a muitas daquelas características comuns a todo texto televisivo, por outro revela dimensões muito próprias e específicas desse segmento. Os textos, em geral muito bem estruturados do ponto de vista lingüístico, apresentam facetas de um atraente discurso lúdico.

<sup>56</sup> GARDNER, H. A nova ciência da mente: Uma história da revolução cognitiva. São Paulo: Edusp, 1995, p.195.

<sup>57</sup> FRANCO, M. Prazer audiovisual. Comunicação & educação. São Paulo, (2): 49 a 52, jan./abr. 1995.

<sup>58</sup> Autora da Série Viagens de Leitura, da TV Escola.

Assim, por exemplo, ao invés de se estudar o processo metonímico, ou então os tipos de rima, e ainda a força sonora de recursos como aliterações, assonâncias, anáforas, partindo, como freqüentemente se faz (salvo exceções), de exemplos ultrapassados, encontrados em textos sem sabor, estéreis, no mais das vezes rançosos e que nada dizem ao adolescente e mesmo ao jovem, por que não trabalhar também com o texto do comercial, que muitos já conhecem (às vezes até sabem de cor), texto que é muito mais próximo do cotidiano em que vivem? Observe-se que tal trabalho, em momento algum, substitui outras análises, feitas a partir de bons textos, literários ou não.<sup>59</sup>

A telenovela pode ser explorada na sala de aula de várias maneiras. Baccega sugere que o professor organize debates com temas extraídos da trama, proponha aos alunos que entrevistem pais e avós para estudar mudanças através das gerações, peça que reescrevam a novela, imaginando-se no lugar do autor. No caso de produções de época, sugere o estudo da ética, da moral e dos costumes no tempo.<sup>60</sup>

Os telejornais levantam temas transversais (ética, meio ambiente, sexualidade) e temas que se referem ao conteúdo tradicional das disciplinas escolares (história, geografia, matemática, biologia...) que podem ser debatidos e aprofundados em sala de aula. Napolitano sugere examinar: o tratamento dado aos temas; as diferenças entre discurso científico e discurso dramatizado da TV; o nível de profundidade das abordagens, dos conceitos envolvidos, as simplificações, as distorções.<sup>61</sup>



#### Atividade 26

1. Escolha um programa de TV e fundamente uma proposta nas sugestões de utilização pedagógica de publicidade, telenovela, telejornal.
2. Trabalhe-a com os alunos.

Escreva suas reflexões no Memorial.

Programas que já trazem em si mediação pedagógica, como programas educativos e documentários, dispensam o professor?  
Se não, o que exigem do professor (para utilizá-los)?

<sup>59</sup> ROCCO, M. T. F. Linguagem autoritária: televisão e persuasão. São Paulo: Brasiliense, 1989, p. 176.

<sup>60</sup> BACCEGA, obra citada.

<sup>61</sup> NAPOLITANO, M. Como usar a televisão na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1999, p. 23.

O professor é um pesquisador. Observa, seleciona, questiona, analisa e decide que meio usar e como usá-lo. Não se aceita decidir utilizar vídeo ou programa de TV produzido com (ou sem) intenção de educar por se ter à mão a fita e o videocassete. É necessário refletir quanto às necessidades do meio e ao que se quer no meio; que função o programa desempenhará e como serão abordagem, mudanças e adaptações.<sup>62</sup>

Sabe-se que a interação direta com o professor enriquece a aprendizagem que qualquer programa de TV ou vídeo proporciona. De acordo com Ferrés, as melhores possibilidades e as piores limitações do vídeo decorrem da qualidade dos programas e da preparação do professor para usá-los de forma criativa e participativa.<sup>63</sup>

No processo de ensino-aprendizagem, vale utilizar mais de um meio para apresentar o mesmo conteúdo. Cada meio tem especificidades, contribui para determinado tipo de aprendizado, para modos de pensar e de perceber. A televisão/vídeo enfatiza a ação e os eventos simultâneos; a escrita enfatiza a relação linear e seqüencial entre idéias e eventos. A educação multimídia oferece perspectivas diversificadas para desenvolver mentes e vivências.<sup>64</sup>

#### 1.4.4. O vídeo: de suporte de programas de TV e de filmes a meio de expressão

Que você entende por vídeo?

Que equipamentos existem na sua escola? E na sua casa?

Durante anos, programas de televisão foram transmitidos somente ao vivo, exceto os produzidos em película de cinema. Não havia equipamentos para gravar sons e imagens em fita magnética. O primeiro equipamento gravador de videoteipe data de 1956.<sup>65</sup>

<sup>62</sup> SÁNCHEZ, obra citada, p. 56.

<sup>63</sup> FERRÉS, 1996a, obra citada.

<sup>64</sup> GREENFIELD, obra citada, p.129.

<sup>65</sup> ALMEIDA, obra citada.

Chama-se hoje vídeo a toda mensagem audiovisual registrada em fita, desde gravações de programas de TV e filmes através de videocassetes a mensagens produzidas em câmeras de vídeo por amadores.

O kit tecnológico existente em escolas brasileiras permite gravar programas da TV Escola e usá-los para aperfeiçoamento do professor e como recurso didático em sala de aula. Pode-se organizar uma videoteca com fitas gravadas de televisões educativas e comerciais e colocá-las à disposição de professores e alunos, para que sirva aos objetivos de ensino, aprendizagem e formação. Além disso, podem circular nas escolas vídeos emprestados, alugados, comprados ou produzidos por alunos e professores.

Em sala de aula, o videocassete oferece vários procedimentos técnicos ao professor: parar, adiantar, voltar, utilizar só a imagem, utilizar apenas o som, estudar quadro a quadro imagens e textos importantes. Serve para exercícios de análise e para formar atitudes de observação na criança. Permite observar elementos não visíveis a primeira vez, escutar o que não fora captado, selecionar detalhes, ler uma mensagem de modo diferente do habitual. O vídeo pode ser usado em ambientes com luz solar. É tecnologia flexível e versátil. Os equipamentos básicos são:

- ▣ videocassete (aparelho): grava em fita cassete programas e filmes transmitidos por televisão (cabo, satélite, parabólica) e permite assistir ao que foi registrado e reproduzi-lo.
- ▣ câmera de vídeo (filmadora ou videogravadora): grava em fita cassete cenas, acontecimentos diversos, imagens e sons. Funciona também como videocassete.
- ▣ televisor (monitor): aparelho receptor de televisão.

Ressalte-se, hoje o vídeo não se limita a suporte de mensagens, a repasse de imagens produzidas em emissoras e no cinema. Serve para exercícios de análise de mensagens e para formar atitudes de observação no estudante. O acesso às câmeras de vídeo facilita que até mesmo crianças produzam audiovisuais de curtas mensagens, com poucos recursos técnicos e financeiros. No mundo inteiro, a competência, a organização e a qualidade com que se desenvolveram núcleos de produção independente e programas em vídeo, videoarte e trabalhos

experimentais inseriram o vídeo numa ativa produção. Tem-se agora uma linguagem de vídeo que se confunde com a da TV, que contribui para inovar a linguagem da TV.

Você participou de alguma gravação caseira de vídeo?  
Já assistiu a algum vídeo feito por colegas? Analise-o.

#### 1.4.5. Funções do vídeo na sala de aula

Dentre as funções de TV e vídeo no ensino, propomos: informação de conteúdo, motivação, ilustração e meio de expressão. Desenvolvê-las depende da iniciativa e da participação do professor. Ao usar um vídeo, pode ser observada mais de uma função. Essa classificação é apenas uma indicação. Existem outras propostas. O importante é o professor adequar e criar modos de utilizar o vídeo na sala de aula.

##### a) função de informação e de conteúdo de ensino

Consiste em apresentar a informação nas formas direta e indireta.<sup>66</sup> Direta é o vídeo (ou programa) produzido para apresentar o conteúdo de maneira determinada, sistematizada, como uma videoaula ou teleaula. Indireta é a informação sem tratamento pedagógico específico na produção, podendo ser trabalhada com múltiplas abordagens. Geralmente, programas são utilizados no ensino pelo conteúdo abordado e pelas informações trazidas.

É importante que o professor explore várias possibilidades de uso pedagógico do audiovisual.

##### b) função de motivação

Considerando-se o potencial motivacional de meios audiovisuais sobre jovens e crianças, integrar significa aproximar-se da cultura daquele que aprende, com a emoção, com as imagens do mundo real, e utilizar essa

<sup>66</sup> MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. Comunicação e Educação. São Paulo: n. 2, jan./abr.1995, p. 30.

motivação emocional na aprendizagem escolar. Essa função vale-se da característica emotiva de TV e vídeo para motivar alunos, para problematizar conteúdos. Sua incorporação representa uma concepção mais ampla de educação, que inclui dimensões além da cognitiva e abriga espaços extracognitivos que envolvem necessidades humanas que interagem com o cognitivo. Vygotsky questionou estudos que descreviam o desenvolvimento de crianças restrito ao intelectual, ignorando-lhes necessidades mais amplas:

“Referindo-se ao desenvolvimento da criança em termos gerais, muitos teóricos ignoram, erroneamente, as necessidades das crianças entendidas em sentido mais amplo, que inclui tudo aquilo que é motivo para a ação. Frequentemente descrevemos o desenvolvimento da criança como o de suas funções intelectuais. Toda criança se apresenta para nós como um teórico, caracterizado pelo nível de desenvolvimento intelectual superior ou inferior, que se desloca de um estágio a outro.”<sup>67</sup>

Na educação, aceitar-se a função motivacional ainda não é tranquilo; há resistências. Essa função propõe aplicar o estímulo emocional propiciado pelo audiovisual na sensibilização e na motivação para o aluno desejar descobrir mais e aprender mais. O interesse maior está em suscitar resposta ativa, em estimular o trabalho posterior de estudo do tema. Pode-se considerá-la como baseada na “pedagogia do depois”. Nessa pedagogia, de acordo com Ferrés, “a aprendizagem se realiza basicamente no trabalho posterior à exibição”.<sup>68</sup>

Usar o vídeo como motivador significa criar um objeto de desejo que conduza o estudante a avançar, que desperte a curiosidade de saber mais. Para exemplificar: em aula de física, um vídeo sobre o movimento de estrelas e planetas pode suscitar a vontade de estudar o universo.<sup>69</sup>

### Atividade 27

Que temas atualmente abordados pela mídia podem motivar estudos?

<sup>67</sup> VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

<sup>68</sup> FERRÉS, obra citada, 1996a, p. 24.

<sup>69</sup> TORNERO, José M. P. El desafío educativo de la televisión: para comprender y usar el medio. Barcelona: Paidós, 1994.

## c) função de ilustração

Ilustrar compreende vários significados tais como: esclarecer, elucidar, comentar, explicar, exemplificar, ornar. Programas, filmes, vídeos (completos ou segmentados) podem ilustrar aulas, ajudando na compreensão de fatos, idéias, conceitos. Permitem mostrar documentos, imagens e vozes de personagens históricos, fatos e acontecimentos da história atual e do passado registrados no momento em que acontecem ou quando são reconstruídos. Em ciências apresentam também o que não se pode observar diretamente, os experimentos impossíveis de realizar em laboratório escolar. Jacquinot destaca:<sup>70</sup> introduzir um sujeito, complementar informação, mostrar informação de natureza diferente, apresentar um caso concreto ou um testemunho, suscitar debates, comparar pontos de vista, ou concluir um estudo.

## Atividade 28

No Guia de Programas da TV Escola, observe os vídeos da sua área de conhecimento. Selecione um vídeo que utilizaria para:

1. informar. Há outra função que poderia cumprir?
2. motivar. Há outra função que poderia cumprir?
3. ilustrar. Em que sentido?
4. Outra possibilidade:

Inclua esta atividade no seu Memorial e envie para seu tutor.



## d) função de meio de expressão



<sup>70</sup> JACQUINOT, obra citada, 1996, p. 17.

A mais nova e desafiante função. Ultrapassa saber ler, interpretar e utilizar textos audiovisuais. Trata-se também de expressar-se por meio dessa linguagem, produzir mensagens audiovisuais. A definição de leitura crítica incorpora-se a proposta de recriação, de jogo inteligente de sentido, a abertura do espaço escolar à experimentação audiovisual, à escrita audiovisual, capaz de expressar idéias, sentimentos, descrever espaços, situações, narrar acontecimentos e imaginar mundos possíveis (Tornerio). Para Alvin e Heidi Toffler, a produção de vídeos por crianças é fundamental para a escola prepará-las tecnologicamente. Com uma câmera, produzindo vídeos, a criança aprende a ler criticamente a mídia.

A não-disponibilidade de equipamentos é barreira para gravar e editar mensagens, sem contar o desconhecimento da linguagem. A câmera de vídeo é usada em modalidades que exigem pouco domínio da linguagem audiovisual, como os vídeos de registro de depoimentos, entrevistas, vivências, manifestações de grupos, materiais que se prestam a observação, análise, pesquisas e avaliações. Cumprem funções importantes que têm sido propostas como vídeo investigação, vídeo processo ou vídeo produção, vídeo espelho.

Nossa experiência com crianças mostra ser possível produzir mensagens audiovisuais com projetor de slides (ou retroprojetor), filme transparente (ou papel vegetal) e gravador cassete de som. A simplicidade dessa tecnologia conduz a criança aos primórdios do cinema, com imagens pintadas em vidro fino e projetadas sem movimento através da lanterna mágica. O processo consiste em criar a história, elaborar o roteiro, fazer uma seqüência de desenhos com material transparente e gravar a trilha sonora. Ao se exibir a história com desenhos e sons, conta-se outra, inédita: como veio a ser história. Desperta-se no jovem o desejo de ser produtor.<sup>71</sup>

Quando a criança se expressa por imagens e palavras, sua satisfação de ser produtor contagia. Pode fazer surgir super-heróis que combatam fantasmas escolares, como no roteiro de Guilherme (dez anos): A escola mal-assombrada.<sup>72</sup>

---

<sup>71</sup> CARNEIRO, V. L. Q. Uma aventura pedagógica: do desejo de fazer cineminha à produção de suas próprias mensagens. Natal, 1987. Dissertação (Mestrado em Tecnologia Educacional), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<sup>72</sup> \_\_\_\_\_. Relatório "Produção e recepção de vídeos enquanto reflexão da prática pedagógica. Brasília, Decanato de Extensão /Faculdade de Educação-UnB, 1990, mimeo.

## A ESCOLA MAL - ASSOMBRADA



Era uma vez um fantasma que assustava toda a escola.



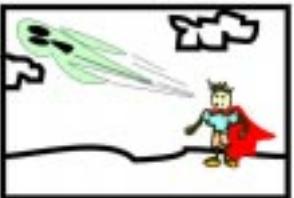
Assustava os meninos, que corriam de medo.



Até que um dia apareceu um grande super-herói.



Sugou o fantasma.



Jogou o fantasma para o céu. E ele já está lá nas nuvens.



E a escola ficou feliz para sempre.



## Referências bibliográficas

- ALMEIDA, C. J. M. O que é vídeo. São Paulo: Nova cultural/Brasiliense, 1985.
- BABIN, P., KOULOUMDJIAN, M. F. Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual ao computador. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 38.
- BACCEGA, M. A. Tecnologia, escola, professor. Comunicação & Educação. São Paulo, nº 7, p. 7-12, set./dez. 1996.
- \_\_\_\_\_. Novela é coisa séria? Ao Mestre com Carinho, nº 23, ano 3, julho de 2000
- BALOGH, A. M. Conjunções, disjunções, transmutações: da literatura ao cinema e a TV. São Paulo: Annablume/Eca-USP, 1996.
- BRAGA, J. L. Meios de comunicação e linguagens: A questão educacional e a interatividade. Revista Linhas Críticas. Brasília, v. 5, nº 9, jul. a dez. 1999, p. 149-157.
- BERTRAND, Claude-Jean. A deontologia das mídias. Bauru: Edusc, 1999.
- CARNEIRO, V. L. Castelo Rá-Tim-Bum: educação como entretenimento. São Paulo: Annablume, 1999<sup>a</sup>.
- \_\_\_\_\_. Programas educativos na TV. Comunicação & Educação. São Paulo, nº 15, maio/ago. 1999b, p. 29-34.
- \_\_\_\_\_. Relatório "Produção e recepção de vídeos enquanto reflexão da prática pedagógica. Brasília: Decanato de Extensão/Faculdade de Educação–UnB, 1990, mimeo.
- \_\_\_\_\_. Uma aventura pedagógica: do desejo de fazer cineminha à produção de suas próprias mensagens. Natal, 1987. Disserta-

- ção (Mestrado em Tecnologia Educacional) Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- CASSIRER, H. R. Televisión y enseñanza. Buenos Aires: Solar, 1961.
- CROITOR, C. Falam mal de mim porque meu programa incomoda. TV Folha. São Paulo: 1 out. 2000.
- GARDNER, H. A nova ciência da mente: uma história da revolução cognitiva. São Paulo: Edusp, 1995.
- GREENFIELD, P. M. O desenvolvimento do raciocínio na era da eletrônica. São Paulo: Summus, 1988.
- FERRÉS, J. Vídeo e educação. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996a.
- \_\_\_\_\_. Televisão e educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996b.
- FRANCO, M. Prazer audiovisual. Comunicação & Educação. São Paulo, (2): 49 a 52, jan./abr. 1995.
- HAMBURGUER, E. Qual é o futuro da novela? Folha de S. Paulo, São Paulo, 16 set. 2000, Especial 50 anos de TV Brasileira.
- JACQUINOT, Geneviève. Image et pédagogie. s. l. Presses Universitaires de France, 1977.
- JACQUINOT, G., LEBLANC, G. (coordination). Les genres télévisuels dans l'enseignement. Paris: Hachette, 1996.
- LAZAR, J. Mídia e aprendizagem. Mediatemente! Televisão, cultura e educação. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação, 1999.
- MACHADO, A. A televisão levada a sério. São Paulo: Senac, 2000.
- MARTIN-BARBERO, J. Novos regimes de visualidade e descentralizações culturais. Mediatemente! Televisão, cultura e educação. Brasília: Secretaria de Educação a Distância, Ministério da Educação, 1999.
- \_\_\_\_\_. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção. In: SOUZA, M. W. de (orgs.) Sujeito, o lado oculto do receptor. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- MARCELO MARTHE. Livros no ar. Laços de Família faz a alegria dos editores. VEJA, nº 1.661, 9 ago. 2000.
- MORAN, J. M. O vídeo na sala de aula. Comunicação e Educação. São Paulo, n. 2, jan./abr. 1995.
- MEPOMUCENO, Rosa. Os Magos – Rosa: Especial Telenovelas. Vogue Brasil, nº 243, março 1998, p. 96.
- MUYLAERT, R. As funções da Televisão Educativa. Entrevistado por J. C. Alves. Comunicação & Educação. São Paulo, (2): jan./abr. 1995.

- NAPOLITANO, M. Como usar a televisão na sala de aula. São Paulo: Contexto, 1999.
- PALLOTINI, R. Dramaturgia de televisão. São Paulo: Moderna, 1998.
- PRIOLLI, G. A arte de vender sabonete. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 15 out. 2000.
- \_\_\_\_\_. O poder de "pensar a TV". O Estado de S. Paulo. São Paulo, 12 nov. 2000.
- ROCCO, M. T. F. Linguagem autoritária: televisão e persuasão. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- RIBEIRO, R. J. O "e" que virou "i". O Estado de S. Paulo, São Paulo, 22 out. 2000.
- SALLUM, E. Entrevista/Ratinho, Folha de S. Paulo. São Paulo: TV folha, 27 ago. 2000.
- SILVA, C. E. Lins. Rá-Tim-Bum usa todos os recursos televisivos. Folha de S. Paulo, São Paulo, 3 fev. 1991.
- SCHARMM, Wilbur et al. Television in the lives of our children. 3. ed. Stanford: Stanford University Press, 1968.
- SOARES, Ismar Oliveira. A televisão e as prioridades da educação. Comunicação & Educação, nº 6, p. 22-28, mai./ago. 1996.
- TOFFLER, Alvin e Heidi, Ensinar o século XXI. Folha de S. Paulo, São Paulo, 8 mar 1998, cad. Mais, p. 5.
- TORNERO, José M. P. El desafío educativo de la televisión: para comprender y usar el medio. Barcelona: Paidós, 1994.
- VALLADARES, R. Civilização neles: Manoel Carlos, autor de Laços de Família, acha que novela tem de educar. Ele está certíssimo Veja, Edição 1.655, 28/6/2000.
- WHITE, Robert. A Tendência dos estudos de recepção. Comunicação e Educação. São Paulo, (13): 41 a 46, set./dez. 1998.
- VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. 2. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1992.

